OFICINA LITERARIA BOCA DE LEÃO



15 BOCAS DE LEÃO

CONTOS 2016

15 Bocas de Leão

Evandro Jair Duarte
Organizador


Boca de Leão
OFICINA LITERÁRIA



OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO
2016

AUTORES

Bianca Juraski Camilo
Caroline Paim
Elaine Juraski Camilo
Evandro Jair Duarte
Evelyn Jeissi
Idê Bitencourt
Isadora Diniz
Juciléa Santos
Mara Paulina Wolff
Clarice
Marina Hadlich Uliano de Souza
Patricia Nubia Duarte
Patricia Peccin
Príncia Béli
Claudete Terezinha da Mata

Copyright© by Evandro Jair Duarte
Capa: Príncia Béli Teixeira
Diagramação: Evandro Jair Duarte

É vetada a reprodução integral ou parcial dessa obra para fins de distribuição comercial, editorial ou republicação na Internet, sem autorização mesmo que citada a fonte.

Fundação Catarinense de Cultura – FCC
Biblioteca Pública de Santa Catarina – BPSC
Oficina Literária Boca de Leão – OLBL

Rua Tenente Silveira, 343 – Centro – Florianópolis/SC
CEP 88010-301 - Fone (48) 36656422
biblio@fcc.sc.gov.br
Blog da Oficina Literária Boca de Leão
https://oficinaliterariabocadeleao.wordpress.com/





O31

15 Bocas de Leão / Evandro Jair Duarte (Org.). - Florianópolis, SC: Fundação Catarinense de Cultura; Biblioteca Pública de Santa Catarina, 2016.

117 p.

Disponível para download em: www.biblioteca.sc.gov.br

ISBN: 978-85-85641-35-1

1. Literatura brasileira – contos. 2. Oficina Literária Boca de Leão. I. Duarte, Evandro Jair (Org.). II. Título.

CDD B869.301

Ficha catalográfica elaborada por Evandro Jair Duarte - Bibliotecário CRB 14/1145

Sumário

A Fita Dourada
Bianca Juraski Camillo
Eu que mando
Caroline Paim Muller
O "mar"dito governo
Elaine Juraski Camillo
Estranha confusão em minha sala de estar
Evandro Jair Duarte
Cinderelo
Evelyn Jeissi da Silva
Esta Rua
Idê Bitencourt
Marília mariposa
Isadora Diniz dos Santos
A Universalidade das Sombrinhas
Juciléa Santos
O Canarim famoso
Mara Paulina Wolff de Arruda
Pesquisa de Campo
Clarice Aguiar
Os livros choram
Marina Hadlich Uliano de Souza
Terça-feira
Patricia Nubia Duarte
Camafeu que se perdeu
Patti Peccin
Beatrice
Príncia Béli
A firula do tempo de Franz
Claudete da Mata
Sobre os Autores

APRESENTAÇÃO

"Le cose disunite s'uniranno e riceveranno in sé
tal virtu che renderano la persa memoria alli omini".
Leonardo da Vinci
[referência ao papel,
no livro **Aforismi, novelle e profezie**
Newton Compton Editori]

Há quem não acredite em coincidências com a justificativa de que nada acontece por acaso. Acaso ou não, lia eu os aforismos do Leonardo da Vinci (1452-1519) escritos lá pelo século XV, quando fui convidada pelo Evandro Jair Duarte para escrever esta apresentação do e-book da Oficina Literária Boca de Leão/2016. O inesquecível Leonardo da Vinci já fazia referência e se preocupava com o papiro -o papel- ou seja, o material no qual a memória das coisas e dos fatos da humanidade ficava registrada garantindo por consequência a sua preservação para a posteridade.

Num piscar de olhos, torno ao meu presente, um futuro bem distante do Leonardo da Vinci, para me deparar com semelhante preocupação por parte do Evandro, bibliotecário da Biblioteca Pública de Santa Catarina. Usando a tecnologia disponível neste momento da nossa linha do tempo, ele compartilha a ideia não só do Leonardo, mas antes de um sonho acalentado pela humanidade em todas as épocas evolutivas, o da preservação da memória dos nossos feitos. Este e-book constitui-se, pois, no guardião das memórias dos momentos vividos por ele e pelos "oficineiros" de 2016 da já tradicional Oficina Literária Boca de Leão realizada na própria biblioteca.

São textos produzidos durante o período de duração da oficina. Estes foram os quinze contos selecionados por seus autores dentre as várias outras produções que escreveram como tarefas dos exercícios propostos. Esses persistentes amantes da escrita (e da leitura!!!) enfrentaram inúmeras tentativas, reescritas, experimentos, verdadeiras "viagens na maionese" com a finalidade de estimular o desenvolvimento da pluralidade de temas e da criatividade no uso dos recursos e estilos literários.

Assim, o leitor curioso que se dispuser a percorrer as páginas digitais deste livro, acordará numa viagem fantástica como num sonho de *Camafeu que se perdeu* (Patrícia Peccin) experimentando uma montanha-russa de inventividade na escrita. Num olhar predominantemente feminino, muitas emoções se desenrolarão em reflexões pessoais como as de *Esta rua* (Idê Bitencourt), de *A universalidade das sombrinhas* (Juciléa Santos), de *Os livros choram* (Marina Hadlich Uliano de Souza), de *Beatrice* (Príncia Béli) para logo se transformarem em fábulas alegóricas em *O "mar"dito governo* (Elaine Juraski Camilo) e *A firula do tempo de Franz* (Claudete Terezinha da Mata). Após o suspense de *Eu que mando* (Caroline Paim Muller) e *Terça-feira* (Patrícia Nubia Duarte) e em conversas com o próprio ofício da produção de texto em *O Canarim famoso* (Mara Paulina Wolff de Arruda) e em *Pesquisa de campo* (Clarice Aguiar) e ainda encarando a modernidade de *Cinderelo* (Evelyn Jeissi da Silva) chega-se às experiências de epifanias literárias nos estranhamentos de *A fita dourada* (Bianca Juraski Camilo), de *Estranha confusão em minha sala de estar* (Evandro Jair Duarte) e de *Marília mariposa* (Isadora Diniz dos Santos), ufa! Adrenalina tranquilamente comparável àquela disparada num parque de diversão...

E por falar em diversão, em prazer da leitura... penso agora na alegria desses autores com a materialização, mesmo que em meio virtual, dos seus anseios de expressão através da escrita. Certamente que tanta dedicação à produção de textos, com louváveis reflexão e audácia criativa, merece mesmo ter seu registro em forma de livro. E o que é um e-book senão a verdadeira encarnação da coragem e da audácia dos escritores contemporâneos que não esperam e fazem acontecer?

Pois é em sintonia com o pensamento do Leonardo da Vinci que percebo a relevância de podermos registrar os feitos da humanidade em todas as eras. Creio ser este e-book mais uma contribuição para a compreensão da vida em nossos tempos. E então, leitor, tu vais embarcar nesta leitura?

Ana Esther Balbão Pithan
Bacharel em Letras Inglês (UFRGS)
Mestre em Língua e Literaturas de Língua Inglesa (UFSC)

INTRODUÇÃO

O início

A **Fundação Catarinense de Cultura (FCC)**, em parceria com a professora **Claudete Terezinha da Mata**, sob a **coordenação** de Evandro Jair Duarte, promoveu no dia 24 de julho de 2012 a abertura da **Oficina Literária Boca de Leão**, voltada a estudantes de todos os graus de formação (do ensino fundamental à graduação) e para o público em geral, para todos que desejam escrever textos literários. Os objetivos iniciais eram: a) desenvolver a criatividade, utilizando recursos próprios de textos poéticos; b) despertar o gosto pela poesia e demais textos literários (contos, crônicas…). Foram encontros quinzenais e às terças-feiras, no horário das 19h às 21h, no auditório da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

O projeto é doado

Claudete da Mata, idealizadora do projeto Oficina Literária Boca de Leão (OLBL), doou sua ideia à Fundação Catarinense de Cultura (FCC), para ser desenvolvido dentro da Biblioteca Pública. Assim, no dia 29 de março de 2016, o Projeto, agora da Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC), foi apresentado aos participantes no o primeiro encontro, com início às 19h no auditório da Biblioteca por Claudete da Mata e Evandro Jair Duarte, coordenador e executor da Oficina na BPSC.

Os novos caminhos

A oficina foi gratuita e teve 16 encontros com duração máxima de duas horas. Iniciando às 19h e terminando às 21h. A proposta da OLBL é a do exercício de escrita criativa e de contos. Para a execução do projeto foi necessário ler e explorar autores da literatura catarinense, nacionais e estrangeiros.

O coordenador Evandro Jair Duarte compilou os textos para a elaboração deste *e-book*, visando tornar disponível no site da BPSC com download gratuito o produto final da OLBL. Foram

colhidos os termos de concessão de direitos autorais para esta permissão, da disponibilização do e-book em espaço aberto a todos aqueles que queiram ler os contos produzidos. Cada participante colabora com a escrita de um único conto para este projeto de *e-book*, sendo permitido o uso dos contos por seus autores em formação de livros individuais, utilização em blogs, entre outras possibilidades.

Ficou claro ser a OLBL a oportunidade do aprendizado coletivo, no qual todos ensinam e todos aprendem. Assim ocorreram estudos sobre escrita e leitura, com uso de textos e a, conseqüente, produção textual.

Dentre os membros participantes, contamos com as seguintes ocupações: estudante, professor, assistente social, advogada, servidora pública, ilustradora, cientista social, secretária, operadora de *call* center, jornalista, bacharel em letras francês, psicóloga, professora de teatro, tradutora, analista de sistema, cineasta e coordenadora pedagógica. Um grupo heterogêneo e empolgado com a oportunidade de escrever e socializar suas produções.

Questionados sobre quais são os interesses deles, as respostas convergiram em: conhecer o processo de escrita; melhorar a produção textual; dedicação à escrita; aprender e discutir o escrever; novas possibilidades de escrita, ter novas ideias; exercitar a criatividade; trabalhar com a palavra; contribuir com o grupo; trocar ideias; desenvolver habilidades; adquirir conhecimentos; brincar com a palavra; dar asas à imaginação; conhecer pessoas que compartilham do mesmo desejo; discutir e desenvolver sensibilidade e valores estéticos; aprender; estes são alguns fragmentos dentre outras tantas afirmações.

A Fita Dourada

Bianca Juraski Camillo



Celeste, assim como a maioria das meninas de seu meio, era muito vaidosa. Desde pequena, emperiquitava-se todinha para ir a todos os lugares. Para a escola, era tradição pôr uma fita dourada no cabelo, pois achava que dava harmonia ao uniforme amarelo e dourado que era obrigada a usar todo o dia. Desse jeito, recebeu dos colegas o apelido de Menina da Fita Dourada.

Celeste sempre teve ajuda para qualquer coisa que fosse, desde tenra idade: isso ia de trocar a fralda a levar colheradas cheias de sorvete para sua boca. Foi mimada desde criança. A mãe dava tudo que a garota queria, já que, devido à incalculável fortuna que possuía, podia fazer isso sem nenhum impedimento. Com a cúpula sobre sua volta, Celeste sempre se achou a melhor em tudo: mandava nas brincadeiras, era a capitã de tudo e, ... ai de quem a tocasse! Levava o infeliz para a diretoria, chamava a mãe, mesmo que a culpada fosse ela, Celeste. Sempre ganhava em tudo, era sempre a melhor vestida. Mas… aparências importam?

Celeste cresce. Vira adolescente. Cresce, porém, juntamente com Celeste, a vaidade. O rímel não poderia faltar: era o *look* mais básico. *Blush* não parava no estojo de maquiagem nem em estoques. Se, quando criança, ia emperiquitada aos lugares, agora, quando adolescente, ia pintada de palhaça. Mas, quem disse que ela liga? Usou a fita dourada até a faculdade.

A adolescente espicha, e espicha com ela o egoísmo e seu gênio teimoso e complicado. Até aquele dia. Mas… que dia? O dia que muda toda a vida dos personagens. Muda para melhor, é claro. Tudo pode ser simples: como um lixo na rua, ou um burro empacado na estrada. Ou complexo, igual ao sistema dos computadores. Mas isso, por mais simples que seja, muda tudo.

Numa dessas tardes de sol, Celeste, de má vontade, saiu juntamente com sua mãe para um parque. Um detalhe importante que Celeste ignorou: a quantidade de lixo jogado ali. Com o vento batendo em sua fita, tratou de reforçar seu nó, deu uma voltinha pelo lugar, jogou no celular e voltou para ser bajulada pela mãe.

A mãe de Celeste se chamava Patrícia. Uma descrição dela era a própria filha: Celeste era igual a Patrícia em todos os aspectos. A melhor, a rainha, a intocável, a rica, a mais em tudo, a diva, a poderosa. Sempre, Patrícia estava acima das regras, era bajulada igual à filha e queria tudo para si. Chegou a chorar uma vez, quando pediu à mãe que lhe desse o Paternon, da Grécia, e a mãe lhe recusara o pedido.

O lixo, que Celeste ignorou, voou-lhe no rosto, quando buscou ser bajulada. Fedida, Celeste o jogou no chão e todos os presentes no parque olharam feio para ela. Menos maquiada por causa do suor fedorento que vinha de sua axila, Celeste os igno-

rou, mas foi surpreendida pelo olhar aturdido da mãe.

Pensou "depois eu junto". Mas o tempo passou, e depois de ser bajulada pela mãe, procurou pelo lixo nojento. Iria colocá-lo no devido lugar: no lixo. Afinal, lixo só é lixo se for jogado no lixo. Procurou, procurou e nada. Espiou a lixeira, que fedia mais que gambá, e viu o pacotinho que a atingira no rosto, grudado numa coisa com aspecto de papel higiênico. "Eca!". Mas, no fundo, bem lá no fundinho, sentia-se incomodada por ela mesma não ter posto o lixo no lixo. Porém… Deixa pra lá.

A pessoa que colocou o lixo no lixo foi sua prima Ambre, que sentia tanto nojo de lixo como a própria Celeste. Para ela, Ambre sempre fora com uma irmã, pois as duas possuíam gostos parecidos. Ambre parecia feliz, mas o que incomodou Celeste foi o fato que a prima parecera realmente feliz. Um sorriso de verdade, não o forçado que dava toda vez que uma tia obesa apertava-lhe as bochechas.

Uma outra sacolinha plástica estava na mira de Celeste. Caminhou, caminhou, caminhou ao seu redor. Afinal, deixaria outra oportunidade lhe escapar? Quando pegou, com certo nojo, a sacolinha, um forte vento arrancou-a das mãos nem um pouco calejadas de Celeste. Desapareceu de vista, nunca mais a viu. Agora, virara questão de honra: Celeste colocaria alguma coisa no lixo.

O vento forte que batera arrancara, sem querer, sua fita dourada dos cabelos. Desesperada, Celeste foi em sua busca. Por sorte, o vento parou: a fita dourada estava ao lado de uma latinha de refrigerante. Apanhou a fita e devolveu-a aos cabelos. Quanto à lata, parou no lugar que deveria parar: no lixo.

Para Celeste, aquele foi um momento ótimo. Nunca havia se

sentido tão bem. Talvez fosse o peso na consciência, de que poderia se o SEU lixo, aí, jogado. Foi tão bom quando soltou e ouviu o baque do lixo no seu lugar… Ela mesma não saberia descrever. Celeste sorriu: o mesmo sorriso verdadeiro que vira estampado no rosto da prima. Celeste compreendeu Ambre: estava fazendo o bem. Livrou o mundo de uma latinha. Parabéns! Para uma menina da burguesia, Celeste talvez tenha se surpreendido por tomar a iniciativa e ainda por cima agir. Sem mandar a mãe fazer por ela.

Celeste, que nunca havia gostado do apelido "A Menina da Fita Dourada", afeiçoou-se mais ao codinome. Afinal, a atitude que Celeste tivera naquele dia foi de ouro, igual à cor da fita que desde pequenina vivia prendida em seus cabelos. Uma atitude de ouro, livrar a cidade de uma latinha? Talvez apenas uma faça a diferença. É com atitudes como essa que poderemos mudar o mundo e torná-lo um mundo melhor. Como a Celeste teve nesse dia, dando as costas a um coração duro e egoísta, abrindo portas a um novo, feito de ouro, cor da fita dourada.

Eu que mando

Caroline Paim Muller



“Esse mundo está perdido. Quem a Maria pensa que é? Chega à minha casa,trazendo essa criatura berrante e acha que pode simplesmente ficar aqui? Isso é umabsurdo...”

Eu sigo resmungando sem que ninguém me dê ouvidos. É isso que eu ganho depoisde tantos anos dando amor, carinho e um teto para essa família de ingratos.

Meu nome é Alastor e já não sou mais um bebê. Levemente grisalho, porémsaudável como um cavalo, vivo minha vida tranquilamente. Em minha casa moram maistrês pessoas. Maria é quem cuida da casa, prepara minhas refeições e me acompanhasempre que preciso ir fazer um *checkup* da minha saúde. Ela tem um filho, Roberto, quetambém deixo morar aqui. Ele é um inútil. Não me faz diferença nenhuma. Passa a maiorparte do dia fora e quando volta só quer saber de televisão e computador. Para piorar, à noite se junta com Aline, sua companheira, e me tiram da minha cama para que possam ficar mais confortáveis. Isso tudo sem nenhuma vez se preocupar com o velhoAlastor aqui.

Aline, apesar de tudo, é a pessoa “menos pior” dessa casa.

É atenciosa, tempaciência e muitas vezes conversa comigo. Na maioria das vezes eu não entendo por quê, masgosto da sua voz.

Durante anos a minha rotina foi bem organizada, sem nenhuma alteração, da formaque eu gostava. Até que um dia, Alice começou a chorar e dizer que estava na hora. Mariapegou uma bolsa e, ajudando Alice, saíram as duas porta a fora. Só voltei a ver Alice diasdepois, quando ela voltou para casa segurando aquele pacote berrador.

Com muito cuidado me aproximei e tentei espiar o que era aquela pequena criaturabarulhenta. Com uma cabeça careca e enorme, um corpo miúdo e pequenos braçosagitados, não tinha como confundir, Alice trouxe um bebê para minha casa.

Dia e noite aquela criança berrava e só se calava quando o colocavam no peito de Alice. Sem qualquer cerimônia ou explicação, fui deixado de lado. Já não poderia deitar naminha própria cama, no sofá ou em qualquer outro lugar próximo de Alice ou do bebê.

Sempre que me aproximava, era enxotado sem qualquer tipo de piedade. Mágoa e sentimento de traiçãome assolavam.

De maneira infantil, resolvi me vingar. Comecei a derrubar coisas de cima da mesa, estragar coisas das quais sabia que todos gostavam, como o sofá e a cortina, e, como últimorecurso para chamar atenção, comecei a me esgueirar para o quarto que era meu até que aquele filhote "gueludo" viesse morar sob o meu teto.

Certo dia encontrei a porta entreaberta e o bebê deitado na cama sozinho. Aqueleera o meu momento de vingança. Caminhando lentamente e sentindo o ar em volta, para tercerteza de

que ele não tinha produzido outra bomba fedorenta em sua fralda, me aproximeifazendo o máximo de silêncio possível. O bebê dormia tranquilo chupando algo em suaboca. Aquela criança era realmente feia, mas parecia que todos na casa a amavam e eunão entendia o porquê. Me aproximei até tocar na pele dele. Era quente e cheirava a talco.

As cobertas em sua volta eram macias e também possuíam um cheiro agradável. Contornei o bebê e esperei que algo acontecesse. E, subitamente, como se pressentisse quealguém o estava observando, o bebê abriu os olhos, mas não chorou, apenas ficou meolhando. Seus pequeninos braços se movimentaram como que tentando me tocar. Isso nãovai acontecer pequeno berrão - pensei.

O bebê se movimentou tanto que o que ele estava chupando caiu de sua boca. Imediatamentetemi que começasse a chorar e assim chamar a atenção para minha presença a sua volta.

Não querendo ouvir mais sermões sobre não poder estar ao redor daquela criaturinha, toquei-o para acalmá-lo. Massageei -o lentamente, sem fazer muita pressão. Ajeitei suascobertas e, quando senti que ele voltava a ressonar, deitei-me ao seu lado e tambémadormeci na cama que um dia havia sido minha.

Acordei com o barulho da porta se abrindo e Aline entrando no quarto. Não demoroumuito para que me expulsasse de lá. Mal sabia ela que eu havia entrado para me vingar, mas, no meio do caminho, acabei me aconchegando e afeiçoando àquele pequeno bebê.

Seu cheiro era bom e seu corpo quentinho. Eu com certeza iria arrumar um jeito de voltar adormir ao seu lado, mas nesse

momento iria sair do quarto. Estava na hora de Maria me dar minha comida e logo após eu precisava tomar um banho. Levaria algumas horas antes queeu pudesse pensar em me esgueirar novamente, pois após o banho eu sempre sofria comas terríveis bolas de pelo que ficavam em minha garganta.

Balançando meu rabo languidamente para fora do quarto, segui em direção a Mariae me esfreguei em sua perna, deixando-a saber que estava na hora de me alimentar, afinalela estava ali apenas para me servir, porque dentro dessa casa, eu que mando.

O “mar”dito governo

Elaine Juraski Camillo



Em uma terra não muito distante daqui, em um tempo igualmente não muito longínquo, aconteceu esta história. Na verdade, não era bem em uma terra, mas no mar. Esse mar era habitado por uma variedade muito grande de espécies: peixes os mais variados que sua imaginação consiga conceber, lulas, camarões, estrelas-do-mar, anêmonas, polvos, tartarugas, cavalos-marinhos, arraias, baiacus, meros, moreias, lesmas, enfim, muitos e muitas mesmo.

Grandalhões e pequetitos, coloridos e nem tanto, velozes e mais sossegados, todos e todas viviam em plena harmonia ou na maior harmonia possível, pois de vez em quando acontecia de um querer devorar o outro, principalmente quando esse um estava na cadeia alimentar desse outro. Também vez ou outra aconteciam algumas rixas. Algumas eram logo resolvidas, enquanto que outras demoravam um bocadinho a mais de tempo para se desatar, mas era certo que, com o velho e bom diálogo, acabavam

resolvidas e tudo voltava para a costumeira e relativa paz.

Entretanto, como tudo que é vivo um dia muda, esse lugar também passou a experienciar modificações nessa rotina e elas, bem... não se pode, de modo algum afirmar que foram assim tão boas. Digo isso porque já vi muitos que são partidários da "mudança pela mudança", sem que isso traga algum benefício. Esse público vive proclamando alto e bom som que não estão parados no tempo, que aceitam as mudanças e que não são resistentes a elas, que é preciso mudar, que quem não muda vai ficar para trás e etc. e tal.

As mudanças que passaram a operar-se, deram-se primordialmente porque se tratava de um lugar bastante bonito, de natureza exuberante. Por conta disso, passou a chamar a atenção de muitos humanos, que os animais marinhos ficaram sabendo que se chamavam de turistas, uma palavra até então desconhecida, que de início soou engraçada para eles, mas que passaria a assumir um sentido muito nefasto.

Aconteceu que os humanos passaram a frequentar muito aquele mar e seus entornos. A água límpida, cristalina, era muito procurada para banhos e mergulhos, para passeios de barcos e lanchas, sem contar a pesca, que aumentou consideravelmente. Paralelo a isso, objetos estranhos àquele lugar, como embalagens e sacos plásticos de todos os tamanhos e cores, também passaram a ser introduzidos na rotina daquele habitat, prejudicando-o muito. Era cada vez mais comum animais marinhos morrerem sufocados por sacos plásticos, ou então terem sua casa prejudicada/subtraída por eles. Sem contar com o mau cheiro, que foi se tornando característico, substituindo o aroma da maresia, das

flores e das plantas que circundavam o local e que passaram a interferir em grande medida no viver daqueles seres, que dantes tinham uma vida tão tranquila. A exploração imobiliária passou a existir cada vez com mais frequência, sendo que os humanos passaram a construir suas mansões cada vez mais próximas do mar, interferindo cada vez mais na vida dos seres marinhos.

Houve, em suma, uma total transformação naquelas vidas. Tanto é que os animais marinhos tiveram de se adaptar e, naturalmente, passaram a viver mais próximo dos humanos, o que gerou curiosidade em relação aos hábitos destes. Um bando de bodiões-limpadores, que eram muito curiosos e tagarelas, passaram a se aproximar mais da costa e observar mais de perto os humanos. Ao executarem seu trabalho de cada dia, junto à boca dos tubarões, teciam comentários do tipo:

- Que engraçados que são os humanos! Eles fazem qualquer coisa por algo que chamam de dinheiro, e esse parece fazer muito bem a eles. Tanto é que, quem tem mais dinheiro é mais respeitado e valorizado!

- Que estranhos que são os humanos! Eles passam a maior parte de seu tempo trabalhando e só se divertem de vez em quando!

- Que gozados que são os humanos! Suas vidas dependem muito de um aparelhinho que chamam de celular. Quando o perdem ou não conseguem usá-lo por alguma razão, ficam extremamente nervosos!

- Que esquisitos são os humanos! Eles diferenciam as pessoas em grupos e alguns desses grupos são considerados menos importantes, como as pessoas de cor, as mulheres! E também

dependendo dos gostos que essas pessoas têm, elas também são menos valorizadas, consideradas inferiores. Eles não são como nós aqui no mar, cuja diferença de cada um é que compõe o maravilhoso cenário da vida, que se renova a cada novo dia...

- Que gozados são os humanos! Eles precisam de alguém que mande neles e diga a eles o que eles devem ou não fazer!

Os tubarões ouviam muito atentamente os comentários dos bodiões, por quem passaram a saber de tudo o que acontecia fora do mar, já que seus hábitos não lhe permitiam chegar mais perto da praia. Como os bodiões falavam muito dos humanos, seus hábitos e seus negócios, os tubarões passaram a acreditar piamente que os humanos eram deveras importantes e um exemplo a seguir. Começaram a juntar todas as informações trazidas pelos bodiões e a fazer reuniões, nas quais os humanos e seu modo de viver constituía a única pauta. Dessas reuniões, nasceu um genuíno sentimento de admiração dos tubarões pelos humanos e, como as coisas não andavam lá muito bem naquele mar, os tubarões também passaram a crer que a única saída para se melhorarem as coisas era imitar o modo de vida dos humanos, tanto mais fosse possível.

A primeira providência a ser tomada nessa direção, foi eleger o grande tubarão-branco como "mandachuva do pedaço". Afinal, os humanos se organizavam dessa maneira. A partir de então, seria ele quem ditaria as regras daquele mar. E esse tubarão, que era muito vaidoso e arrogante, viu a oportunidade de dar a máxima vazão a esses sentimentos, que até então estavam adormecidos nele.

Logo a decisão foi anunciada aos demais animais pelos sig-

natários bodiões, que se orgulharam muito da realização de tão singular tarefa. O argumento utilizado, para justificá-la diante dos animais, era de que os tempos haviam mudado, coisas ruins estavam acontecendo a todos e já não era mais possível levar a vida pacata de sempre. Era urgente mudar. Estava mais do que provado, pelos rumos dos acontecimentos, que os animais já não eram mais capazes de cuidarem sozinhos de suas vidas, ao sabor da natureza e que era imprescindível que o tubarão-branco, o maior dos mares, fosse aclamado como chefe, pois somente ele, com sua grandiosidade, seria capaz de fazer frente às desgraças que se abatiam sobre os animais e ao mar.

Os animais receberam a notícia um tanto desnorteados. Concordavam que os tempos já eram outros, mas... sempre viveram assim e havia dado certo. E agora? Como seria? O que realmente deveriam fazer? Obedecer às ordens de um tubarão-branco? Nunca precisaram disso antes e sempre conseguiram se virar bem... mas, era consenso que algo precisava ser feito e, já que o tubarão se propôs a fazer, teria juízo quem não o contrariasse... E, assim, a ideia de que já não mais sabiam cuidar de si mesmos e que era imperioso mudar, foi se instalando devagarinho em cada mente e em cada coração, de modo que cada ordem que o grande tubarão-branco ditava era recebida prontamente sem discussão e com docilidade, até pelos animais que não costumavam ser lá muito dóceis. Afinal de contas, melhor não se meter a besta com um tubarão-branco com um numeroso bando de bodiões-limpadores a seu serviço e sentir-se muito gratos pela tarefa que lhes fora atribuída.

A primeira norma ditada pelo grande líder – literalmente fa-

lando – e amplamente divulgada pelos fiéis bodiões atingiu a todos e todas daquele mar, deixando-os(as) muito desnorteados. Não era permitido aos animais fazerem nada – nem aos peixes quando em descanso, que faziam nada! Agora, a exemplo dos humanos, todos os animais marinhos deveriam, além de cuidar de suas próprias vidas, arrumando sua casa e obtendo sua comida, ir à busca dessa para o tubarão-branco e seus assessores, que agora não mais fariam essa tarefa, considerada indigna de líderes. Toda comida conseguida precisava ser mostrada aos tubarões, sendo que esses decidiam o que os demais animais podiam comer – obviamente, a menor parte e a menos saborosa – e o que sobrasse seria divido por todos e todas. É claro que a norma não agradou muito, mas ninguém ousou protestar, pois era preciso mudar e tinha juízo que não desobedecesse à ordem de tubarão, ainda mais com os devotados bodiões e agora também com um exército de piranhas como responsáveis diretos pelo cumprimento das ordens...

A segunda regra ditada pelo grande chefe foi a criação de escolas, das quais muito os humanos falavam, segundo os bodiões escutavam. Todos os filhotes nascidos seriam obrigados a frequentá-las e nelas seria ensinado um conjunto de coisas – que mais tarde descobriu-se que os humanos chamavam de currículo – essenciais para a manutenção da ordem estabelecida no mar. Ensinamentos como a grandiosidade dos tubarões e a subalternidade dos demais animais, a necessidade de todos e todas trabalhar ininterruptamente eram alguns dos princípios de que a escola se ocuparia. Os demais animais receberam essa notícia com algum estranhamento, pois até então ninguém precisou disso no

mar. Mas agora, os tempos eram outros, era imperativo mudar, e teria juízo quem não ousasse discordar do grande líder...

A terceira regra do novo governante foi a criação de algo que denominou arte. Ficou estabelecido um conjunto de coisas que os animais deveriam apreciar: quadros com grandes tubarões desenhados, músicas exaltando a grandiosidade e a superioridade dos tubarões, esculturas de tubarões, o canto mavioso dos tubarões foram algumas das coisas que agora seriam consideradas dignas de se admirar. Outras coisas e/ou manifestações artísticas antes inconscientemente praticadas pelos animais agora seriam denominadas de artesanato e a maior parte delas ou foi proibida ou passou a ser permitida após inspeção e autorização por parte dos tubarões. Os animais não entenderam muito bem em que isso ajudaria a modificar os tempos difíceis por que estavam passando, mas era consenso de que algo precisava mudar e o melhor mesmo era não contrariar um tubarão...

A quarta lei anunciada referia-se à religião, algo que os animais consideraram muito curioso, para não dizer engraçado. Ficou estabelecido que os animais deveriam crer em um único Deus-Tubarão, que habitava as profundezas dos mares, um lugar que era possível chegar apenas após a morte. Cada animal, depois de"bater as botas", iria ter com esse ser e aconteceria uma espécie de julgamento: caso o animal tivesse sido bonzinho durante a sua vida e obedecido à risca as leis ditadas pelos tubarões, ganharia o mar eterno, onde teria abundância de comida e não mais precisaria trabalhar quase sem parar. Ao contrário, se os animais tivessem em algum momento desobedecido tais leis, seriam condenados ao fogo eterno, coisa que eles não que-

ria, de modo algum experimentar, pois, como eram aquáticos, não faziam a menor ideia do que de fato significava o fogo, mas, na catequese, agora instituída como obrigatória, eram fartas as explicações e descrições de que se tratava de uma coisa horrível, semelhante ao que os humanos utilizavam para assar os peixes e comê-los. Só que os peixes pescados e preparados dessa forma pelos humanos não chegavam a sentir o mal-estar do calor, porque já não estavam mais de posse de sua vida para tal. Imagine, então, o que causou para os pobres animais a perspectiva de, ao desobedecerem ao tubarão e suas imposições, arderem em um fogo eterno e sentirem a dor e o desconforto! É claro que, depois disso, não se pensaria em desobediência... Afinal, precisavam ter juízo!

A quinta regra imposta pelo supremo tubarão veio para selar todas as demais: agora eram agudamente proibidas as reuniões entre os animais. E olha que eles gostavam muito delas no passado, quer em pequenos ou grandes grupos, e tinham, inclusive, muitos locais destinados para elas. Agora, esses locais eram constantemente vigiados pelos bodiões e piranhas, que passaram a se sentir muito importantes naquele *modus vivendi*, e costumavam, inclusive, a excederem-se no cumprimento das ordens, já que isso agradava ao tubarão-branco e era objeto de algumas pequenas recompensas, como um naco um pouco maior de comida, ou um comedido elogio, já que os tubarões, e igualmente o líder, não eram dados a essas bobagens. E os animais, cansados pela extenuante rotina de ir atrás de alimento para os tubarões, limpar suas casas a todo momento, pois quem não assim o fizesse era duramente castigado, já não tinham energia o suficiente para

sequer estranhar tais ordens as quais passaram a ser recebidas e cumpridas automaticamente...

E a sexta ordem dizia respeito ao que os animais deveriam falar entre si, nos parcos momentos em que isso era permitido fazer – falar bem dos tubarões, exaltar sua beleza, magnificência, inteligência e bondade. Sim, bondade, pois afinal de contas, só um ser com benevolência suprema como um tubarão-branco era abnegado o suficiente para assumir um desafio tão grande como a mudança da situação difícil que havia se instalado naquele mar. Só esse ser, no auge de seu altruísmo, teve a magnífica ideia de doar-se em sua existência para gerir democraticamente (essa palavra os bodiões trouxeram dos humanos, e o grande tubarão a aprovou e passou a autorizar o seu uso instantaneamente) a vida naquele mar, cuidado dos demais animais. Os animais emocionaram-se muito com isso, algo de que não haviamse dado conta, e passaram a adorar o tubarão e ufanar um "marcionalismo" exacerbado, usando uma série de objetos que cultuavam os tubarões.

Como era de se esperar, a nova ordem em nada melhorou a vida daqueles seres. Ao contrário, as mortes por exaustão aumentavam consideravelmente, e a velha alegria matizada pelo vasto caleidoscópio de cores e sons já não se fazia mais presente. Aquele mar se transformou em um lugar monocromático, monolítico, deprimente. E isso saltou aos olhos do filho do grande tubarão e seu sucessor, que tentava inutilmente convencer o pai da ineficácia de suas leis. Acontece que o tubarão-jovem andou lendo coisas que iam contra as ideias do pai, pelo quemuito discutiam e fora até ameaçado de ser deserdado pelo progenitor.

Porém, inconformado com todos aqueles desmandos, o jo-

vem, sorrateiramente, iniciou uma série de conversas com os animais que ainda restavam e que se encontravam bastante apáticos e doentes. Tentava, a todo custo, lembrá-los de como era boa a vida antes da tomada do poder pelo pai (mesmo com a vinda dos humanos e todo o lixo que trouxeram e que muito mal causou) e que não precisavam de alguém para direcionar suas vidas. Essa tarefa, no entanto, tornou-se muito penosa para o jovem, pois parecia que havia sido feito um apagamento em suas mentes e, além de não recordarem, parece que igualmente haviam perdido a capacidade de reagir, de fazer algo. Mas o jovem estava resoluto a não desistir. Foram muitos anos de conversas, de diálogo, de reuniões. A essa altura, seu pai já era ancião, porém se recusava a passar-lhe o cargo, porque sabia que não governaria do mesmo jeito.

O moço-tubarão, agora já adulto, até pensou em promover a derrubada dos tubarões-mandões pelo uso da força. Mas chegou à conclusão de que isso seria ineficaz, pois os animais estavam muito fragilizados e não teriam nenhuma chance contra os tubarões bem alimentados. Todavia, aconteceu o óbvio. Além de já faltar para todos os animais, começou a faltar também comida no prato dos tubarões, se é que assim se pode dizer. E o velho tubarão-branco, enfim, reconheceu que as contradições de seu modo de governar iriam levá-lo à morte, assim como de seu séquito de puxa-sacos e de todos e todas daquele lugar. Porém, já era tarde, e sua vaidade e orgulho já não permitiam nenhum movimento em direção a algo mais racional. E *laissez-faire*. Deixou tudo assim como estava, pois odiava admitir que estava errado. E a mortandade foi inevitável... Tanto é que, até os próprios humanos,

que para esse destino também se encaminhavam, estranharam o quanto o mar estava morrendo e o quanto a vida ali já não era mais interessante. E passaram a abandonar aquele lugar... a procurar algum outro que ainda tinha alguma chance de se explorar, algo a oferecer...

O filho do tubarão, junto com alguns poucos e poucas, sobreviveu aos tempos austeros e, com muita troca de ideias, traçaram alguns planos para tentar recomeçar. O grande princípio pelo qual essas ideias se embasaram é que, enfim, a lição, a duras penas, foi aprendida. Nada de líderes messiânicos, nada de modos de ser e viver, considerados certos e outros errados, sobretudo quando isso acontecia em detrimento do bem-estar geral. A única regra que valia é que todos e todas deveriam viver bem, sem pisar nos outros, ser pisado pelos outros e sem escravizar/ser escravizado por ninguém. E, ainda, nada de se espelhar nos outros. Foi posta abaixo a máxima de que sempre no modo de viver dos outros está o certo, que devemos copiar os outros, pois, afinal, cada um tem seu jeito, tem suas ideias e todos os jeitos e ideias precisam ser validados, terem espaço para se consubstanciar, desde que não em detrimento de alguém.

É claro que você dever estar querendo saber se eles e elas conseguiram sobreviver e fazer sobreviver aquele outrora magnífico lugar. Lamento, mas ainda não se sabe... A natureza, sábia em suas leis, é *slow*, não *fast*! Como a devastação foi muito grande, será necessário tempo para quiçá reabilitar-se e recomeçar seu renascer. Vamos torcer com todas as nossas forças para que não seja tarde demais...

Estranha confusão em minha sala de estar

Evandro Jair Duarte

Estava eu em minha casa, dormindo no sofá, quando acordei e percebi a presença de um ratinho. Ele era diferente, tinha a cor azul. O danadinho passou à minha frente e se escondeu atrás do sofá.

Fiquei intrigado e resolvi procurar por ele.

Nesse instante, algo muito estranho aconteceu. Do meu quarto despontou uma cabeça que eu reconheci como sendo de uma girafa e seu pescoço demorou muito a sair todo lá de dentro. Em seguida, surgiu em minha sala todo o restante de seu corpo.

Ela ficou ali paradinha e apertada, encolhida na sala.

Como não bastassem dois eventos pra lá de anormais, eis que entra na sala uma vaca azul, também vinda de meu quarto. Em seguida um jacaré verde fluorescente. Para meu completo estranhamento, surge uma última figura na sala, o jacaré surfista de coloração laranja. Toda aquela bagunça que se formou me deixou tão perplexo que não me dei conta de que eu conhecia muito bem cada um deles.

Sim! São brinquedos vivos! Eu os comprei. Foram adquiridos para meus cães brincarem. Uns eram de borracha, outros de pelúcia, o que todos tinham em comum era aquele apitinho chato que assovia quando apertados.

Para completar a confusão, Pietro e Grace, meus cães da raça Shihtzu, vieram correndo atrás de seus brinquedos.

Desesperados, os brinquedos se encolhiam, corriam, se apertavam espremidos em um canto da sala, para poder fugir dos dentes caninos.

Imaginem vocês o barulhão que foi!

Cada um fazia um som mais alto e agudo que o outro.

Aquele barulho todo já não estava mais no canto da sala. Estava perto de meu ouvido, meu braço direito, meu pé direito e outro na cabeça, bem acima dela.

O som foi ficando alto, e mais alto, e cada vez mais alto, que acabou por me tirar do transe em que eu me encontrava.

Era assim que eu visualizava a brincadeira com meus cães e seus brinquedos. Acabei por ter próximo à minha cabeça, o jacarezinho de borracha, que segurava uma prancha de surfe. Perto do meu ouvido direito estava uma vaquinha azul de pelúcia. No meu braço direito, a girafinha amarela, também de pelúcia. No meu pé direito, o ratinho revestido de camurça azul marinho.

Os sons que eles produziam eram resultado dos movimentos que meu corpo produzia ao apertá-los enquanto eu me remexia no sofá, local de nossa brincadeira.

Todos os brinquedos trazidos pelos cães enquanto minha imaginação criava o cenário de nossa aventura da tarde. Eles trouxeram para cima de mim, com o que, no fim das contas, tornaram-se meu despertador do transe do imaginar.

Cinderelo

Evelyn Jeissi da Silva



Era uma vez um príncipe encantando. Bom... nem tão encantado assim. E, para ser sincera, estava mais para sapo do que para príncipe, mas, assim como toda mulher apaixonada e enfeitiçada pelos poderes altamente cegantes do amor, eu via-o como queria que fosse e não como realmente era.

O nome dele não é Shrek. Parecia mais o Pé Grande. Com seu tênis tamanho 46, em seu pé jamais caberia um sapato de cristal. Mais peludo que Tony Ramos, tão charmoso quanto King Kong e tão sorridente quanto o Godzila. Essa quase foi uma história de amor perfeita, com um final feliz, ao estilo de "e viveram felizes para sempre", ah, se não fosse apenas um detalhe…

Estávamos andando, à noite, pela areia da praia, e contemplando a lua.No silêncio, ouvíamos somente as ondas do mar, e eis que seu celular tocou, anunciando a ligação de sua mãe: Ei filhotinho, já está vindo para casa? Já é quase meia noite! E lá saiu ele, correndo desesperadamente, para não descumprir as regras da sua mãe. Certa vez, fomos à casa de seus tios. Começamos a conversar, jantamos e fomos assistir a um filme às vinte e duas e trinta, faltando dez minutos para meia noite, seu celular rompeu

a concentração de todos e ouviu-se somente:

- Ok, mãe eu já estou indo.

E lá saiu ele, desesperadamente, deixando sobre a mesa exatamente três reais e cinquenta centavos, dizendo para mim:

- Amorzinho, aqui está o dinheiro para o "busão". Daqui a uma hora ele passa aqui em frente, e vai te deixar a uma quadra de sua casa. Beijinhos, vou indo, que minha mãezinha já está esperando.

Eu o olhei com tanta raiva! Poxa, nem pra me levar em casa! Gritei, esperneei, me joguei no chão, dei o maior escândalo, sofri em silêncio, respirei fundo, acenei, e sorri, apenas pensando – tchauzinho Cinderelo!

Percebendo o embaraço da noite anterior, ele até que tentou se redimir levando até minha casa uma rosa. Miserável, pão duro! Tão mão-fechada, que, se atravessar o mar nadando com um punhado de areia, chega ao seu destino, com ela sequinha, sem derramar um grão sequer. Uma só? Pelo embaraço e constrangimento da noite anterior eu merecia pelo menos um buquê! Mas como é flor é flor, e nenhuma mulher no mundo resiste a esse gesto, fui logo me entregando e até pensei que "a partir de hoje" tudo seria diferente!

Fiquei tão feliz que o abracei e agradeci. Era nítido que tudo iria mudar, e que seria diferente!

Nos envolvemos em um olhar tão profundo e tão verdadeiro - eu me encaixei em seus braços, abraços e amassos - que ali poderia ficar por toda eternidade, mas como alegria de pobre dura pouco… levei mais um balde água fria. No auge da nossa entrega, seu despertador toca, anunciando a meia noite. Ele jun-

tou suas roupas rapidamente e saiu correndo, sem terminar o que começou… Nem sequer se deu conta que esqueceu sua cueca. Enfurecida joguei-a para fora de casa, querendo acertá-la em sua cabeça! Ela caiu sobre a calçada, e por lá ficou.

As películas de seu carro escondiam sua nudez. Rezei para que a polícia o parasse em uma blitz, e o pegasse dirigindo nu! Imagine a cara de sua mãe se visse o rosto de seu filho estampado nas manchetes! Mas meus pedidos não foram atendidos, e ele como de costume conseguiu chegar em ponto em casa. Rapidamente vestiu-se em sua garagem e correu para os braços de sua mãe.

- Ui filhote, que cheiro heim! Quiridu vá tomar um banhozinho, você está todo suadinho! Foi jogar um futebolzinho na praia?

- É mãezinha fui sim!

Depois do banho, como em todos os dias, ela recolhia suas roupas e as vistoriava, deu-se conta que faltava a cueca. E foi logo perguntar: Quirido, tais tolo! Vestiu a mesma cueca! Tá suja!

Todo embaraçado, depressa respondeu: É mãe, estou tão cansado que nem percebi!

Ela ficou com a pulga atrás da orelha, mas como ele sempre lhe contava tudo sobre sua vida, e nunca foi capaz de lhe dizer um não, logo desencanou.

No outro dia, minha vizinhança do condomínio passava em frente ao prédio e via aquela cueca jogada sobre a calçada. Ninguém teve a coragem de fazer um comentário sequer, todos estavam curiosos para saber de quem era aquela misteriosa cueca! Será que a vizinha viúva, uma semana depois de derramar li-

tros de lágrima pela morte de seu marido, já havia encontrado um novo amor? Será que o Zé, voltou com o Betão? Será que a Clô do terceiro andar deu uma escapadinha enquanto seu marido motorista viajava a trabalho? Afinal de quem era aquela cueca? Todos tornaram-se suspeitos!

O Cinderelo passou um dia inteiro sem entrar em contato. À noite resolveu aparecer, sem flores, sem gestos a mais, estacionou seu carro em frente ao portão. Ao pisar na calçada, deu-se conta de que a cueca ali jogada era a sua, espiou pela janela para ver se ninguém o via, recolheu-a, bateu na porta e disse: Amor abre a porta para mim! Por favor, vai! Eu sei que eu errei!Eu te amo!Vou provar para você que vai ser diferente! Hoje eu só saio daqui na hora na hora que você quiser!

Quando abri a porta, imaginei receber um beijo, e que tudo ficaria bem, mas ao invés disso ele me entregou sua cueca e disse:

- Lava para mim, eu não sei!

- Não, eu não vou lavar! Vai e lava você! Assustado, ele não ousou responder. Lavou e estendeu no varal de uso coletivo do prédio. E lá estava novamente a cueca, exposta sobre os olhos da vizinhança. Combinamos no outro dia um jantar em sua casa. Com sua ajuda, preparei o jantar, e na hora de servir, eis que chega sua mãe.

- Ai, querida, que gentil! Senti o cheirinho lá do quarto! Ela se serviu, sentou-se na sala, e ficou por ali. Ele parecia uma estátua, estático, sem saber como não se deu conta que mesmo com 26 anos ainda era tratado como um bebê. Eu até que tentei ajudá-lo, e pedi:

- Você quer comer strogonoff, eu fiz especialmente para você.

E ele disse em alto e bom som: NÃO!

- Eu também fiz salpicão, seu prato preferido, experimenta.

E ele disse: Não!

- Quer comer a sobremesa?

- Não!

- Quer tomar suco de uva?

- Não!

- Quer tomar refrigerante?

- Não!

- Quer tomar chazinho?

- Não!

- Quer tomar água?

- Então quer ir tomar no cu?

E sua mãe começou a gargalhar. Tirei sua cueca da bolsa, antes de sair de casa havia lembrado de recolhê-la do varal, joguei em sua cara e dessa vez acertei em cheio. E de seu rosto vi sumir a risada, confiança e controle. E então foi minha vez de sorrir. Virei as costas e segui meu caminho. Solteira, sim; mal acompanhada nunca!

Esta Rua

Idê Bitencourt



Se esta rua fosse minha eu mandava... Mandava nada, a rua não é minha. A rua é de todos. Passa aqui quem quiser, quem vier, quem tiver disposição para caminhar e aproveitar a beleza da manhã, o calor do sol, a brisa do vento, o barulho da chuva batendo nas sombrinhas coloridas do momento e sentindo a alegria de viver. Caminhar é maravilhoso! Junto com ele vão os pensamentos mais ricos. Felizes ou não, o importante é seguir os passos do fazer acontecer.

Se esta rua fosse minha eu mandava... Mandava nada, esta rua não é minha. Passa aqui quem quiser, quem vier comprar aquela roupa tão sonhada, para se ver diante do espelho mais bela, mais jovem, mais tudo, para se sentir nova outra vez.

Se esta rua fosse minha, eu mandava colocar flores por todos os lados, pintava aqueles bancos, todos brancos, para deixar a rua com um ar de romantismo. Mas eu não mando nada, esta rua não é minha. Mas se a rua fosse minha, eu chamava os pássaros para

cantar no amanhecer e no entardecer, trazendo o encantamento a todos que na rua passassem e levassem para seus lares a serenidade de um dia feliz.

Se esta rua fosse minha, eu colocaria um violonista no centro da rua para tocar as mais belas canções e reviver os momentos mais lindos de todos os tempos em que as pessoas, se olhavam, cumprimentavam-se, sorriam umas para as outras e eram mais felizes.

Mas esta rua não é minha! Passando nesta rua, às vezes penso que as pessoas têm medo de se olhar, de dar um sorriso, um aperto de mão. Talvez por estar com pressa, ou para não se envolver. Que pena!

Se esta rua fosse minha, eu mandava... Mandava nada, esta rua não é minha!

Tenho saudade daquele amor, amado pelo ser humano. Tenho saudade das músicas de outrora, que mexem com a essência, que recarrega as energias trazendo de volta a harmonia necessária. Tenho saudade de tudo isso e muito mais... Fica aqui a saudade, porque esta rua não é minha!

Ela com certeza também chegou a esta rua, a grande e pensada tecnologia. Maravilhosa, poderosa com certeza. E que poder! Só ver para crer. Não tem volta. Ela é invisível, ela avança e avança cada vez mais a nível assustador. É bom? Claro que é! Hoje o homem não vive mais sem esta famosa tecnologia. Não é "vero"? Pois é, concordo plenamente. O bem que ela nos proporciona é imenso, é intenso, não tenho dúvidas.

Mas com tudo isso, essa maravilha toda eu comparo como uma rede de pescaria em alto mar. Sim é isso mesmo. O pescador,

em alto mar, quando joga a rede e, ao retirá-la,traz com ela as maravilhas do fundo mar. Assim é a alta tecnologia com a sua rede que arrasta de uma forma invisível as pérolas mais valiosas que o ser humano possui. Talvez isso esteja passando despercebido para muitos, que não querem ver ou saber, porqueessa maravilha toda realmente é grandiosa em âmbito mundial.

Se esta rua fosse minha, eu mandava... mandava nada, esta rua não é minha! Hoje tenho consciência de que a tecnologia, sem dúvida maravilhosa, virtual, deixou as pessoas um pouco fora do mundo real. Elas ficaram tão maravilhadas que esquecem até de se alimentar, de conversar com seus pais, seus irmãos, seu avô, sua avó, porque não têm mais tempo ou não tem mais paciência.

Claro, mandar mensagens pelo WhatsApp, é realmente confortável. Não custa nada, falando em valores. Eu também faço isso. Mas, pensando bem, emocionalmente falando, isso não é verdade. Fica sempre um vazio, uma solidão embutida. Depois que desligamos o celular, o que resta se você está só? Você não viu o seu pai, a sua mãe, o seu irmão, o seu melhor amigo, a sua melhor amiga. Assim fica à espera do tempo o abraço carinhoso de uma mãe, de um filho, de um amigo. Enquanto isso, o tempo passa...

Se esta rua fosse minha, eu mandava... mandava nada, esta rua não é minha!

Já passei por esta rua e vi cenas de cinema mudo. É verdade! As pessoas se sentam a mesa: três, quatro, cada um com um aparelho celular. Ali no grupo, ninguém conversa, ou melhor, conversa, sim, virtualmente. Na hora, ninguém presta atenção em

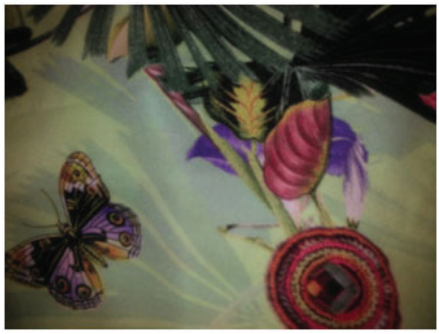
nada a não ser no celular. Gente! A que ponto se chegou? Pra melhor, será? Quero acreditar que sim! Mas acredito também que o homem se tornou dependente dessa tecnologia tão avançada que a cada dia vai mudando a vida de todos nós.

Se esta rua fosse minha, eu mandava... mandava nada, esta rua não é minha! Mas passo lá, sento naquele banco, faço meu lanche e fico a observar! Enquanto isso, o tempo passa... E a tecnologia avança a cada dia.

Se esta rua fosse minha, eu mandava... mandava nada. Mas se você quiser, passe lá com o seu direito de ir e vir, sente num banco qualquer, tome um sorvete, come pipoca, converse, sorria, conte algumas coisa, e cante, se você tiver vontade. Sabe por quê? Esta rua não é minha!

Marília mariposa

Isadora Diniz dos Santos



Cleonice se arruma, coloca suavemente o sapato recém comprado, e, com um certo pesar, chama a filha:

— Marília... filha, vem cá!

A menina, pressentindo o que a mãe vai dizer, com voz de tédio responde:

— Que foi mãe?! Já disse que tá tranquilo...

Chegando ao quarto dos pais, nota o quanto Cleonice está diferente.

— Nossa, hoje você arrasou, mãe!

— Filha... tudo bem mesmo,você ficar aqui sozinha hoje? Chama a Ângela para dormir aqui com você, peço para seu pai ir buscá-la, enquanto vou finalizando aqui...

— Mãe, já disse que tá tudo bem!!! Eu já tenho nove anos, mês que vem faço dez, e até hoje nunca fiquei sozinha em casa. Eu sei me virar!

— Princesa, você é uma criança ainda! Porém, talvez esse seja o momento que você esteja pronta para se “virar sozinha”

aqui dentro de casa, é claro!

— Ta legal, vai logo, que pai tá esperando!

Pegando a bolsa de cima cama e borrifando em si seu melhor perfume, segundo a filha, a mãe vai saindo. Com ternura, presta as últimas recomendações, observa tudo ao redor e dá um beijo na filha que, ao sentir o cheiro da mãe, pensa: "Um dia vou poder usar um perfume fabuloso igual a esse, vou sair...vou curtir...vou ser livre!"

Cleonice dá um tchau à distância e entra no carro do marido, que já a esperava há 30 minutos. Marília sobe para o quarto e liga a TV. Está passando seu programa preferido, reality show de talentos musicais, hipnotizada ela fica.

Essa noite é original, sozinha pela primeira vez é como se a garota entrasse numa nova pele, vida que se desenrola, verdadeiro rito de passagem, ela então quase uma pré-adolescente. Assim, ela sente. Com a excitação da situação no peito, ela começa a dançar ao som das músicas tocadas no programa. Pula e se joga na cama,como se quisesse abraçá-la, aos risos.

Seu quarto é colorido, possui uma coleção de miniaturas de bonequinhas de plástico, almofadas estilo *emoticons* da internet e um violão que ocupa lugar de destaque, próximo à mesa de seu computador.

Deitada na cama, o entusiasmo começa a dar lugar a uma inquietação estranha. De uma vez só Marília levanta, colocando seu longo cabelo para trás das orelhas e se dá conta, realmente está sozinha em casa.

Sai do quarto e começa a caminhar pela casa que adquire outro aspecto: agora que ela é a única pessoa a estar nela. Iluminada

pela luz que sai do quarto, a sala parece enorme e os móveis qualquer coisa menos o que realmente são. A garota então liga a luz e, ao ver que está tudo do jeito que estava, respira aliviada.

Com sede, parte para cozinha. Um vento frio passa pela abertura da janela e a envolve, assim como a sensação da água gelada tomada num gole só. Estar sem ninguém em casa garante algumas ideias. Como a de enfim comer o queijo que o pai trouxe. Enciumado, garantiu que ela não gostaria. Ao mastigá-lo: "Nossa, que horrível! Meu Deus, e essas manchas, será que já estragou? Não ficou nem um dia na geladeira, argh péssimo!" cospe dentro da pia e nesse ato Marília nota ao lado da tomada da geladeira: "Olha só uma lagartinha! Como é minúscula!" Ela se recolhe, colocando a mão na boca, franzi a testa e ri.

A pequena lagarta de tom marrom se contorce no azulejo e segue seu caminho sem perceber a menina. Já a menina, encantada com uma espécie que lhe lembra as aulas de ciências, fica a admirar seus movimentos: "Será que essa é das venenosas? De qualquer jeito, acho que aqui, presa, não é um bom lugar para você... lá fora será melhor!"

Marília então decide colocá-la no jardim em frente de casa. Pega uma pá e uma vassoura e com todo esmero consegue conduzi-la para fora. "Eu não quero te matar, só acho que aqui você fica no seu habitat natural". Depositando a lagarta na grama, a menina percebe que faz frio e passa a temer que o vento seja capaz de congelar o micro esqueleto do bicho. Mas a ideia de que ali é o lugar ideal para uma lagarta vence o receio.

O clack da porta que fecha soma-se às batidas de um coração agitado: missão cumprida! De volta ao quarto, aliviada, Marília-

retoma para sua programação televisiva. Enquanto isso, do lado de fora, a lagartinha se locomove aspirando liberdade e, num impulso, se entoca num pequeno buraco na terra.

Em meio a um desenho animado, Marília se lembra da lagarta. “Ela estava acostumada dentro de casa. Sobreviveria do lado de fora? “Acho melhor ir resgatar a lagartinha, ela pode ser minha de estimação! Levo-a para a aula amanhã e aproveito para mostrá-la para Ângela. Ângela vai ter medo! Rsrs”.

Ao sair, Marília vai direto à parte do jardim onde deixara a lagartinha, e não a encontra. “Onde será que ela se meteu?”. Ela procura por todos os lados; olha no muro da casa e nada. Por ser de noite, mesmo com lâmpadas acessas, é possível que ela tenha passado despercebida.

Chegando próximo à calçada na frente de casa, coloca as mãos na cintura e, iluminada pela luz de um poste, sente algo pousar em seu ombro. Se vira e vê voar em sua frente uma mariposa!

A menina, em tom de brincadeira, corre e tenta capturá-la, quando é surpreendida por uma buzina. Descendo do carro, Cleonice assiste à cena e intrigada a grita:

— Maríliaaaa!! Onde você vai filha?!

— Mãe?! Vocês já chegaram?

— Sim! Sentiu falta da mamãe!? Aonde você ia?!

— Não... quer dizer, um pouco! Achei uma lagarta marrom e bem gordinha na cozinha, coloquei-a aqui no jardim e ela sumiu! Queria que ela fosse minha... de estimação...e eu tava correndo atrás de uma mariposa que posou em mim..

— Hum... algumas lagartas,filha, quando já estão ficando grandinhas viram mariposas! E saem por aí voando.

— Verdade, acho que vi essa parte na aula... Será que ela precisava só que eu a tirasse de casa?

— Talvez filha,quando chega o momento certo, elas se viram sozinhas e saem assim transformadas.

A mãe, que mal pode aproveitar a noite por conta de tanta preocupação, alegra-se ao ouvir a história da filha. Ela aprendera algo em sua ausência. Embora não lhe apeteça a visão da menina de nove anos correndo solta calçadas afora, ela sente que tudo faz parte de um processo, e que o melhor é ajudar a filha a cultivar asas para um dia então poder voar. Com meiguice a chama para entrar em casa:

— Vamos, Marília... minha mariposa!!

A Universalidade das Sombrinhas

Juciléa Santos



Num dia desses me peguei pensando sobre a universalidade das sombrinhas e de seus pares, os guarda-chuvas. Tenho um apreço especial pelas sobrinhas, porque convenhamos, apesar das inúmeras vezes ser salva por um pretinho básico, a beleza das sombrinhas é inigualável e me atrai: com suas cores, tamanhos, formas e seus segredos,os quais, para minha imaginação, esta bela dama guarda tão bem assim que se fecha, após a chuva, e os eterniza, envolvendo-os no fino invólucro de seus múltiplos braços.

Tudo começa quando a chuva bate. Passamos a lembrar dela, a nossa sombrinha. Remexemos nossas bolsas, procuramos uma esquecida no trabalho. Em casa, vamos logo ver se algum parente levou e não a devolveu.

Faço parte do grupo que adora perder sombrinhas. Sempre as esqueço. Mas também faço parte do grupo das que acham sempre uma para me fazer companhia entre uma marquise e uma poça

d'água. Assim consigo me locomover entre as chuvas diversas: chuvisco, tempestade, chuva de molha bobo, pé d'água, aguaceiro. Sorte? Atribuo minha sorte à alma universal das sombrinhas. Elas têm vida própria, quem as compra sempre se acha o dono; mas está se enganando. Ela é solta, vai ver que é por isso que a maioria das pessoas também não se apega muito a ela. Será que elas poderiam ser consideradas como volúveis criaturas? Seria uma injustiça a esses inanimados seres? Inanimados? Não, elas estão bem vivas, e têm uma urgência de andar de mão em mão. De lugar em lugar. De sumir e reaparecer. Vivas sempre vivas.

Já perdi a conta das sobrinhas que me foram solidárias por todas as chuvas porque quase encharquei. Algumas me vêm à memória, sombrinhas especiais que foram deixadas em algum assento de ônibus, esquecidas no trabalho, nos caixas eletrônicos, em restaurantes e nas lixeiras também. Encontrei uma linda, transparente. Passei bons momentos ao seu lado. Um dia ela ficou no caixa do supermercado. Só me dei conta do meu descuido uns passos à frente quando a chuva começou a molhar os meus óculos. Corri para tentar resgatá-la, tarde demais. A ingrata já havia encontrado um novo dono. Até hoje lembro dela. Sempre que à usava tinha uma sensação de estar em uma redoma, porque ela era toda transparente. Aí eu baixava bem formando assim uma campânula que me permitia ver o mundo, mas não estar acessível. Uma cápsula, uma proteção.

Outro dia me apareceu uma cor-de-rosa, nem sei como ela surgiu em minha vida, e por enquanto está comigo. Até quando é um mistério.

Aconteceu também, um roubo, sei lá, sempre há alguém que

barganha melhor a vida dessas mocinhas. Deixei-a descansando em uma cestinha em um restaurante. Quando voltei, para minha surpresa, ela havia sido levada. Ou deixou-se lavar? Não sei. Achei uma falta de respeito, esbravejei, fiz cara de que isto não está acontecendo comigo. Mas, ela se foi, com um novo dono. E eu saí me escorando entre as paredes e os transeuntes desguarnecidos de proteção, que, assim como eu, foram abandonados, ou esqueceram estes seres divinos em algum ponto deste universo.

Já me imaginei fazendo resgate de sombrinhas. Sempre as observo nas lixeiras, ou em meio às tempestades que quebram dezenas delas, na força dos ventos que vêm do sul. Parecem mortalhas abandonadas, depois de uma guerra. Outro dia cheguei a contar, eram pra mais dez baixas nas trincheiras da chuva torrencial. Fora as outras que se armavam e se reviravam, mas, fortes, defendiam o seu dono e continuavam no combate. Me imaginei trocando os varões, esticando o pano e elas ficando novas à espera de um novo combate, de uma nova história.

Existem tantos tipos de sombrinhas. Às vezes me pego olhando as pessoas pela cidade, chego a esbarrar propositadamente só para que minha sobrinha se engate na do vizinho; assim poderei apreciar melhor suas belas formas. Vi uma florida com margaridas, linda, primaveril. Uma de poás, sessentinha, levando uma moça de óculos escuros, lenço na cabeça. Um dia encontrei uma azul anil, fiquei feliz porque precisava fazer uma volta urgente e a chuva me pegou desprevenida. Ela possuía um botão dourado grande, como um pingente. Mas, para minha surpresa, quando acionei o botão, fiquei apenas com o cabo na mão. Vi a sombrinha voando para o alto, parecia uma pipa em meio à trovoada

e relâmpagos. Foi bonito de ver o quanto ela foi longe. Fiquei olhando para aquele cabo inútil, quando alguém gritou "moça assim você irá se molhar", saí rindo, um pouco aturdida com a situação. Ela estava apenas esperando a oportunidade para se libertar. Um apertão no botão mágico, e lá se foi, enfeitar o céu. Vi também uma xadrez, estas são comuns, mas gosto muito delas. Eu também experienciei uma dessas, cabo de madeira, não sei porque me senti dentro de uma cena de filme policial, uma detetive quem sabe. Em uma cena onde o criminoso persegue a detetive, mas ela com a ajuda da destemida sombrinha se mistura ao mar de sombrinhas xadrezes que se forma na grande alameda. Ela me parecia muito resistente e era grande; formava um belo arco, porém um dia precisei abandoná-la de vez. Ela se revirou e não resistiu, rodopiou pelo redemoinho e só parou quando encontrou um poste. Será que alguém a recolheu? Estou na torcida. Eu fico triste quando vejo as carcaças delas perdidas, imagino-as cheias de vida; imagino aquela moça entrando na loja à procura de uma sombrinha em especial, abrindo-a, vendo sua funcionalidade, sua leveza, sua beleza. Imagino-a escolhendo entre a pequena prática ou a grande imponente. Ou a que tem babados e fitas, talvez. Vi outro dia uma com acabamento de renda guipir, fiquei impressionada! Levava uma senhorinha, muito distinta. Havia parado de chover e ela fazia as vezes de bengala. Fiquei muito tentada a tocá-la, sentir sua textura. Poderia também ser a escolhida uma bege básica, aquela com cara de nada, que quase passa despercebida para uma mulher prática que vê este objeto apenas como de proteção contra a chuva. Claro que não para mim. Gosto de escolher, mesmo quando são encontradas, ou emprestadas. Não

pego qualquer uma. Quero a mais chamativa. Aquela que você olha e pensa, ela me garantirá bons momentos.

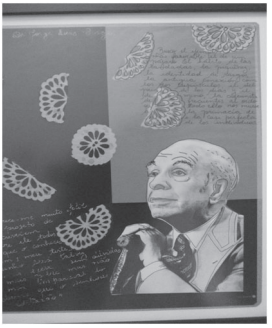
Assim ela chega ao universo, alguém compra e a coloca no mundo. Por isso fiquei tão fascinada pela universalidade das sombrinhas, são realmente seres ímpares, são soltas no mundo. Aceitam a todos, resistem às intempéries e às histórias humanas. Que me abrigam, e que abrigaram algumas caronas que me deixaram felizes. Um passeio nas ruas cinzentas ao lado de um amor que, para caber sobre a mesma proteção, precisou estar com seu braço em torno da minha cintura, e eu senti seu cheiro misturado ao cheiro da chuva e das folhas molhadas. Uma pessoa engraçada falando maluquices, que me fez rir muito com suas histórias. Cheguei até a permitir que minha sobrinha a acompanhasse pelo resto do caminho, com uma pequena orientação; de me contar tudo o que o maluco falou na minha ausência. E dei carona a uma amiga que não podia molhar de maneira alguma seus belos cabelos que acabaram de passar por uma escova, ela tinha o sabor do primeiro encontro, me contava que depois de tanto tempo de conversa finalmente o date aconteceria com aquele cara maravilhoso. Seu sorriso ficou guardado na minha sombrinha.

Meu desejo, mesmo às vezes sofrendo, é que as sombrinhas sejam sempre assim livres, solidárias, únicas, seres no universo, no meu universo. Claro que seus pares os guarda-chuvas, fazem os mesmos serviços das minhas queridas frívolas sombrinhas, mas não com o mesmo charme, irreverência e feminilidade. São sempre fechados e sisudos e, como diz o nome, guardam a chuva, e eu não quero guardar as chuvas e sim os segredos das minhas belas sobrinhas que me trazem a cada passeio em que eu as levo.

Espero que minha sorte não me abandone, de continuar achando sombrinhas e as perdendo, só assim garantirei a universalidade delas e continuarei a pensar sobre todas as cabeças e corpos que estas amigas já transportaram e ainda transportarão ao longo de suas vidas. E estas guardando os meus segredos, os seus segredos, os nossos segredos; como uma caixinha com fechadura, onde a chave se perdeu.

O Canarim famoso

Mara Paulina Wolff de Arruda



Camaradas,
por que não se caça a licença dos lindos olhos de uma mulher?
Eles alvejam os homens como um tiro. São mais afiados que a espada.
(Grafite em spray na escultura de pedra de Buda, o vale do Satpara, no Baltistão)

David, um Canarim famoso. Um homem gordo; olhar zombeteiro. Deliciava-se com as palavras novas e investigava as palavras antigas ao modo de um arqueólogo. Um Canarim popular numa localidade do planalto. Seu cérebro era composto por arquivos que abriam e fechavam a todo instante enquanto conversava. Comia e bebia de modo tão extravagante que seu cartão de crédito, casualmente, ficava estourado. Esse homem, que lia as palavras impressas e as entrelinhas, pareceu-me um sujeito mal-humorado. Segurava seus óculos, limpava-os, dependurando-os no pescoço. Se perguntássemos a ele, obviamente, negaria essa

descrição quase real. O fato é que, além de ser um Canarim, tinha gosto em contar dos assobios dos outros. Era filho de militar. Trazia na lembrança o dia em que o pai saiu para nunca mais voltar. Ele, pequeno, viu o pai vestido a caráter com a mala nas malas. O pai, um homem orgulhoso, pracinha, virou-se para acenar para ele.

Era tarde quando ele chegou para contar o conto passado, enfatizado por um triangulo composto por Joel, Maria Eulália e Emanuehl. Um triângulo amoroso vivido em Buenos Aires. David, que gostava de histórias de amor (vá lá, quem não gosta? Eu mesma já me meti em algumas frias...), citava exemplos tipo Tristão e Izolda, Romeu e Julieta e um número significativo de casais que viveram seus encontros e, por que não dizer, suas tragédias.

Tarde plúmbea de inverno. Estávamos em frente da casa amarela. Esquentávamos os pés no pouco de sol que atravessava a rua. Eu tinha tirado os sapatos e, com as meias amostra, "lagarteava"... Depois da ilustração de David, quis saber o que unia Joel, um arquiteto vaidoso, excêntrico e, Emanuehl, um colecionador desconhecido do público e, apaixonado, por Maria Eulália.

Joel, como já disse, era arquiteto. Havia executado inúmeros projetos – gabava-se de seus efeitos! - David conhecera-o quando reformou o seu apartamento e o ajudou a colocar uma estante feita sob medida na sua sala. Um sujeito desleixado, sempre muito ocupado, anotando em sua prancheta os detalhes que seus clientes pediam nas reformas estrambóticas que ele aceitava fazer. O que fazia com que ele se dispersasse era uma mulher chamava Mília...

David, o Canarim famoso, um descendente de tropeiros. Consta em sua árvore genealógica que o seu bisavô paterno atravessou o sudeste do país, transportando em lombos de mulas café e charque. E, de tanto ouvir histórias, vagava pelo mundo dos personagens. Caminhava de um lado ao outro, na minha frente, interrompendo os raios de sol que esquentavam os meus pés. Não sabia por onde começar. Tentava me confundir. Solicitei que ele se aquietasse. Sentou-se a contragosto. Ficou quieto. Depois disse umas bobagens e, por fim, iniciou... No íntimo, queria ironizar a postura de Maria Eulália. Depois, olhou para mim de modo atravessado. Ela era uma mulher elegante como um jardim francês. Os cabelos longos e cacheados se pareciam com um arbusto florido. O corpo esbelto dava a sensação de equinos no prado. E os olhos azuis refletiam o céu. Naquele dia vestia-se com uma blusa de crepe com mangas bufantes e uma saia de linho pregueada. Imagine a beleza, disse David, eufórico!

Não tardou e o vento vindo do norte empurrava meus cabelos. Quando percebemos, estávamos com as estrelas sobre as nossas cabeças. Quis falar das galáxias, do infinito interestrelar... continuou a contar dos três viventes.

Na sucessão enfatizou o colecionador Emanuehl. Sorriu ao perceber que falava de um de sua estirpe: um colecionador de livros não era, não é, diferente de um colecionador de outro objeto. Quando descobre um livro, para ele sempre é um livro raro, debruça-se durante noites e dias nos conceitos, nas histórias ou mitos que esse calhamaço traz.

Emanuehl, o colecionador referido, protagonista da tragédia, vestia-se naquela manhã com um terno cinza, ajeitava a gravata

vinho. Esforçava-se para explicar o motivo de ser um colecionador. Um colecionador incomum, a bem da verdade, mas um deles e, David reconhecia-o.

Dirigindo uma caminhonete, relíquia de outro colecionador, o Canarim passou pela cidade. Rodou por diferentes caminhos, ruas, avenidas e passou por pessoas. Passou pelos que morreram e todos os que vivem no meio do furacão que é a vida. Mostrou-me prédios de arquitetura ao estilo *Belle Époque*. Seguiu relembrando um passado que foi da família dele até chegarmos ao nosso destino que era o apartamento onde Maria Eulália, Joel e Emanuehl estavam prontos para desmembrar este conto.

O triângulo amoroso reunido. Maria Eulália sentada no sofá enxugava os olhos com um guardanapo. O corpo dobrado. Sua postura era a de alguém que estava prestes a receber um veredito. Emanuehl tinha os cenhos cerrados e um olhar fulminante sobre ela. Joel, encostado na beira da janela, adulava um gato cinza chamado Mimi. As decisões estavam postas. Atmosfera pesada.

A campainha soou. O gato saltou do colo de Joel.

Era o síndico que entregava um recado do *chef* do restaurante. Queria saber do horário em que eles iriam descer para o almoço. O síndico interrompia um julgamento. Queria saber se precisavam de alguma coisa. Nada respondido, desculpou-se. Fez meia volta.

Dito. As horas recomeçaram a serem contadas.

David tirou do bolso duas cartas. Eram de Maria Eulália. As cartas tratavam da separação dela com Emanuhel. Joel espichou o pescoço e, junto à janela, quis saber como ele tinha conseguido essas cartas. Maria Eulália olhou para Emanuehl e pediu que ele

explicasse das cartilagens, do lóbulo e dos demais vínculos da orelha com a audição.

Quietos, pensavam.

David levantou-se do sofá chegando próximo do gato Mimi. Abriu totalmente a janela fazendo com que Maria Eulália levantasse e fosse vestir o casaquinho que estava no encosto da cadeira. Ela alisou o gato Mimi. Eu fiz um gesto para David que indicava admiração por ela. Ele torceu os lábios.

Emanuehl caminhou pelo apartamento. Não dizia nada. Tirou de dentro de seu terno uma bainha que guardava um pequeno punhal. Desembainhada, a lâmina reluziu quando ele passou em frente da janela.

Repentinamente David, o Canarim famoso, equivocou-se; não saberia dizer se estava em Buenos Aires ou numa cidadezinha do interior. Seu coração estava ali. Em suas mãos, o destino daquela mulher.

Faltavam quinze minutos para deixarmos o apartamento quando os três começaram a falar ao mesmo tempo: Emanuehl segurava o punhal em sentido vertical. Na sacada, o gato desapareceu atrás de outro bichano. O vento parou e as folhas das árvores enfeitavam o gramado.

Os três começaram a discutir.

Joel sentou-se no sofá. David no entrevero disse que era preciso resolver as pendengas. Calmamente entregou as cartas a Joel. Também quis fazer valer a minha opinião: Isso acontece. No coração ninguém manda! Joel não gostou dos meus comentários e naquele jeito brusco dele disse que eu não tinha nada que me meter na contenda alheia. Aí fui eu que não gostei, mas pouco

importava porque numa fração de segundos Emanuehl segurou Maria Eulália. Com o punhal, cortou a orelha direita dela, tirando -a inteira. Tirada a orelha, ele a examinou, minuciosamente, com uma lupa. Em seguida, passou para um microscópio e, por fim, ajeitou-a num scanner aproximando as imagens que apareciam no seu notebook, em zoom, para ler os particulares desse amor avassalador que teve fim.

Nenhuma gota de sangue Maria Eulália derramou. Muito menos, lágrimas! Apenas sentiu a falta de um pedaço de si, colando a mão no rosto. Correu, de um lado ao outro na sala, gritando: o que você fez o que você fez?! E saiu porta afora, com Joel correndo atrás dela segurando as cartas comprometedoras.

Instantes depois, no mirante, Joel avistou o apressado movimento dos policiais na frente do prédio que ele projetou. Curiosos amontoaram-se ao redor.

David abriu o livro que segurava embaixo do braço e não saberia dizer onde foi que se perdeu: imaginário X realidade. Pensou em perscrutar o lado oculto deste conto. Instiguei o paradeiro dos personagens. E aí ele descreveu que a personagem central desse conto, mesmo com a falta de uma orelha casou-se com um inglês. Mora perto da casa que os historiadores apontam como a casa do poeta William Shakespeare. Joel, bem, continua arquitetando moradias e relacionamentos. Quanto a Emanuehl, o cruel, rancoroso e apaixonado colecionador de orelhas, foi preso. Depois, pagou fiança, mudou de cidade e, possivelmente, mora na fronteira, perto de cachoeiras e trilhas. Denominou-se forasteiro e procura por outras mulheres para continuar a sua coleção.

Passara-se, nesse interlúdio, uma tarde e uma noite. O frio

corroía os ossos.

David, o Canarim famoso, esfregou as mãos uma na outra para esquentar. Despediu-se de mim e fechou o livro.

Pesquisa de Campo

Clarice Aguiar



Recém-formado na área de Biologia, o mais novo biólogo prepara sua primeira saída em campo. Irá para as matas do Tabuleiro em busca de uma espécie rara de árvore, pesquisa essa que defendeu em seu longo e exaustivo TCC.

Quando em sala ainda, nunca conseguiu pôr em prática seus estudos sobre a rara espécie, pois, além de não ter tempo, e a Universidade a lhe ocupar a maior parte da atenção, também tinha sua mãe, adoentada e idosa. Seu TCC foi todo teórico. Um verdadeiro calhamaço de papéis, sem dó e nem piedade de qualquer árvore, rara ou não.

Nos seus quarenta e tantos anos, o jovem biólogo, agora pronto para pôr em prática tudo o que cursou, numa atitude madura, iria se defrontar com seus medos...

- Como assim, meus medos? Ei! Tenho medo de nada não! Mas quem falou uma coisa dessas? É tudo ansiedade.

Mas, apesar de grosseiramente interrompida, como esta narradora estava dizendo, o jovem biólogo iria para árdua e exte-

nuante tarefa; saber mais sobre essa misteriosa espécie de árvore, vegetal este típico das matas do sul do país, mas que também pode ser encontrado em outras regiões (e, em todo o planeta, mas com certeza não em outros planetas, eu acho, ou seja, o biólogo já definiu em seu TCC: não sabe, com certeza, se existe em outros planetas).

- Isso ficou meio confuso, mas, a universidade nunca quis financiar minhas pesquisas. Então, teorizando minhas teorias, cheguei a este grandíssimo resultado, este tipo de vegetal não existe em nenhum outro planeta.

Enfim, como ia narrando, o biólogo sairia pra mata à procura de uma espécie rara. O foco da pesquisa seria uma árvore nativa da mata atlântica. Antigamente existiam muitas, mas, com o desmatamento indiscriminado na região litorânea, esta árvore está se acabando. Aliás, estão acabando com ela. A sua madeira é muito apreciada na construção civil e também utilizada como lenha. É uma árvore não frutífera, mas muito apreciada pelos pássaros, pois atrai uma grande variedade de insetos por ter casca e folhas de sabor adocicado.

Equipado com um largo aparelhamento para camping, pesquisas e sobrevivência nas florestas, o nosso biólogo abasteceu seu pequeno carro, utilizando todo o espaço para o transporte do material. Porta-malas, bancos traseiros e do carona, e o rack instalado em cima do veículo foram ocupados com toda a tralha possível...

- Ou, ou, ou, calma aí. O que a senhora chama de tralha? Esse equipamento é caro e de última geração, principalmente o computador, tudo financiado por quem, excelentíssima senhora mi-

nha mãe.

Desculpe-me. Mas continuando. O nosso jovem biólogo, portando, após adquirir equipamentos de última geração, definitivamente sairia em busca de seu objetivo. A viagem por si só já é um desafio, pois nosso ilustre formando recentemente possui habilitação, sendo até então conduzido em todas as suas aventuras pela excelentíssima senhora sua mãe.

O biólogo chegou, finalmente, após longa dificuldade em se acertar com o mapa do parque, a identificar rodovias, estradas secundarias, sinalizações, leis de transito...

- Poderíamos ir direto ao local da minha pesquisa, sim?

Claro. O biólogo chegou, finalmente, após longa dificuldade e, bem, descarregou sozinho toda a bagagem...

- Pois então. Não tinha ninguém pra me ajudar. Até apareceu um rapaz, mas queria cobrar caro para carregar umas mochilas e malas...

Posso continuar? Obrigado.

Montou seu acampamento, que seria sua casa pelas próximas semanas, até concluir sua pesquisa.

- Dias, não semanas. Não poderia ficar muito tempo longe da mamãe. Foi o trato que fiz. Emprestar-me-ia a grana para a expedição, mas eu deveria estar de volta no final de semana.

Posso?

- Prossiga.

Seria então uma longa semana de pesquisa. Melhor assim?

- Contando um dia para chegar até o local, desmontar e instalar todo o equipamento mais um dia, começaria as pesquisas

no dia seguinte. Então só teria mais um dia para completar os trabalhos, e na sexta, final de tarde, regresso. Teríamos aí uns três dias para produzir todo o trabalho.

Como assim três dias? E a pesquisa de campo? E seus estudos? E a plantinha?

- Calma, em três dias dá pra achar uma árvore. Tem um monte aí pela frente.

Mas não são as da pesquisa. A planta rara.

- Continue a narrativa, por favor. Deixe as pesquisas comigo.

Desculpe-me. É que fiquei aflita com o pouco tempo.

Nosso biólogo não levou alimentos e nem água, pois, sendo biólogo formado, conhecedor das espécies frutíferas da região, das plantas comestíveis, dos lençóis freáticos, não passaria fome, estaria em seu meio nativo. Assim que chegou ao ponto de pesquisa, a mata Atlântica da Serra do Tabuleiro, procurou um local para armar acampamento e montagem de seu laboratório. Familiariza-se com a região, marcando os pontos cardeais, estabelecendo os rumos de pesquisa como aprendeu na Internet. Lembra que sua mãe insistira para que trouxesse um aparelho de GPS, caso se perdesse na mata.

- É mesmo, o GPS. Foi engraçado ver a sua atitude. Na hora eu disse: Ô mãe, conheço essa mata como a palma da minha mão. Não preciso de equipamento de socorro. Tenho o Sol e as estrelas para me guiar, e também nem sei mexer naquele troço.

Ora, as mães estão sempre preocupadas com os filhos. Isso até me lembra a minha mãe. Grande contadora de histórias. Uma vez ela queria que eu inventasse umas histórias para alegrar a turma e aí eu contei umas mentiras e a professora me chamou a

atenção...

- Concentre-se na narrativa, sim. Esta é a minha história.

- Hum! De novo não, né? Que devaneio! Perdoe-me.

- Sem problemas, é só continuar.

Enfim. Acampamento montado, equipamento instalado. Com a praticidade e destreza adquiridas nos anos de estudo, o jovem biólogo consegue montar sua barraca o mais rápido possível, e com resultados inesperados. Talvez o modelo da barraca não fosse para este tipo de relevo ou quem sabe um defeito de fábrica. (Afinal a barraca não foi testada antes. Não foi porque ele não quis. Eu até que insisti para ele provar, experimentar. Bom, mas dá para se proteger da chuva e do vento, bastando achar onde ficou a porta de entrada). Finalmente tudo pronto, e nem acabou a tarde ainda. Pesquisador ativo e operante. Pronto para sair em busca do espécime rara.

- Ah, não! Não foi assim, não. Passei um trabalhão pra montar o acampamento, esfolei os dedos, instalando essa tralha toda, e agora que estava ali, confortável, tinha que sair. Ah não!

Mas, meu querido, como que você vai pesquisar uma árvore se não sai de dentro da barraca?

- Ora, tinha um monte de árvores ali em volta. Iria pesquisar uma dessas...

Como assim? Que árvores?

- Qualquer uma, é tudo igual.

Mas e sua pesquisa?

- É só dizer que é rara. Assino em baixo como biólogo.

Posso continuar a narrar?

- Tá bom! Continue!

O jovem biólogo sai para seu primeiro passeio pela mata. Numa primeira vista, munido de seu conhecimento acadêmico, já identificou e registrou uma grande quantidade de árvores, arbustos, plantas exóticas...

- Plantas exóticas? O que é isso?

São aquelas dadas como provenientes de fora da flora original. Elas não são autóctones do ambiente nativo. Para ser mais simples, elas são estrangeiras. Você deve ter visto um monte lá no campo.

- Falam outra língua? É isso? Mas autóctones eu sei o que é. Aprendi no curso. São robôs. Não são?

- Hein. Não, meu querido. Autômatos são robôs. E plantas não falam.

- Nem as estrangeiras?

- Não. Vou continuar a narrativa. Não me interrompa mais, sim.

E foi cadastrando todos os nomes, mas nada da árvore rara. E assim passou o primeiro dia de pesquisa. Mas um verdadeiro biólogo não desiste. Recomeçaria seu árduo trabalho. Registro e pesquisa de todo o habitat.

- Habitat, que habitat? Mas eu não ia estudar as plantas?

Continuando. A esperada primeira noite na mata é aguardada com muita emoção. O biólogo se instalara em sua barraca laboratório e começou a ligar os equipamentos para registro dos arquivos coletados.

- Falando nisso, seria bom registrar que o equipamento não é bom. Acho que fui enganado. Nada funciona. Só consegui acender as velas, porque trouxe um isqueiro. Mas o note não funcio-

nou, não tinha Internet. Nem a televisão portátil funcionava. O celular não tinha sinal.

Você levou a antena que lhe pedi?

- Que antena? Não lembro de nenhuma antena. E onde eu ia ligar uma antena?

Antena para sinal via satélite. Você poderia sintonizar a televisão, conectar à internet e receber chamadas no celular. Chama-se tecnologia.

- Foda-se. Agora é tarde. Além do quê, eu estudei biologia e não tecnologia.

- Mas que linguajar é esse? Onde você aprendeu isso?

- Na universidade. Têm outros, quer ouvir?

- Não. Não precisa. Vamos continuar a narrativa.

Após uma noite exaustiva de sono...

- Exaustiva mesmo. Nem consegui dormir direito. A cama não é boa, muito dura. Tava cheio de mosquitos dentro da barraca e aquele mato tava cheio de barulhos estranhos. Algumas horas, até fiquei com medo. Acho que tinha um urso rondando o acampamento.

- Não temos urso no Tabuleiro. Aliás, não temos urso no Brasil.

- Como não? E aquele que vi no parque?

- Meu Deus! Isso já está saindo do controle.

- O urso?

Narrando. Logo pela manhã, nosso pequeno herói teve que enfrentar um grande perigo...

- Fome. Isso sim. Não levei nenhuma comida. Tava sem café da manhã. E sede também. Achei que fosse achar alguma lancho-

nete por ali. Mas aquele lugar não tinha nada, só mato.

É uma floresta.

- Mas não é um parque?

- Parque florestal. Próprio para pesquisas, visitações, ver árvores, plantas, animais silvestres.

- Ursos.

- (Ursos, me daí forças).

Nosso jovem biólogo, após matar a sua fome comendo uns grilos, e sua sede com água encontrada numa poça...

- Eca...

- Posso narrar? Tenho mais o que fazer.

Nosso herói preparava-se para mais uma saída de identificação de plantas. Aproveitava para registrar diversos animais que não constavam do catálogo daquela região. Empolgado com a flora e fauna exuberante, nosso biólogo afasta-se do acampamento, indo se infiltrar no meio da floresta. Após horas de pesquisa, tendo como alimento apenas...

- Chega de grilos. Não agüento mais comer isso.

... frutos silvestres e água colhida nos copos das plantas, percebe que esta perdido. A floresta é tão fechada que impossibilita a guia pelo sol. Desesperadamente, nosso herói tenta se guiar pelo vento, pelas cascas das plantas e pelo seu radar natural.

- Mas...

Quieto. Deixa-me continuar. Em discórdia com sua digníssima mãe, o biólogo não levou GPS, celular, não avisou ninguém aonde ia. Desrespeitou, teimou, esperneou e contrariou os avisos de sua mamãe.

- Mas mamãe....

- Quieto já disse. Agora vai ter que ouvir. O pequeno biólogo achava que era fácil sair de casa sem avisar. “Colocar uma mochila nas costas e sair pelo mundo em aventura”, ele disse. “Vou experimentar a vida, sair de baixo da saia da minha mãe”. Hum, como se fosse muito fácil.

- Viu no que deu! E ainda ficou perdido! Tive que chamar a vizinhança! Depois de um dia, tive que acionar os bombeiros, a polícia, ligar pros hospitais, pros amigos! Ninguém sabia onde você estava!

Custava deixar um bilhete para sua mãe?

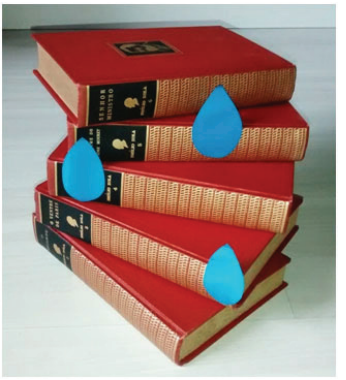
- Mas mamãe...

- Quieto. Vai ficar de castigo. Vai aprender que quando quiser fazer aventura novamente, pelo menos me avisasse! Eu queria ir junto!

- Mas mãe!

Os livros choram

Marina Hadlich Uliano de Souza



É um entra e sai de gente, que quem olha rapidamente pensa ver até livro voando. Machado de Assis choraria de emoção de ver tamanha movimentação numa biblioteca pública. A catraca não para de rodar. Desde turma de escola, até senhorinha, adolescente, adulto.

Alguns passam míseros minutos sobre as revistas, outros perdem a hora nos suspenses e precisam ser avisados do fechamento da instituição. Uns buscam cultura, outros aventura, alguns só um lugar para namorar. Mas de romance, a biblioteca já está cheia.

O bibliotecário até se anima mais em organizar tudo quando vê tanta gente manuseando os livros. São tantos leitores ávidos por cultura e entretenimento concentrados que um simples bom dia que lhe é dirigido já o deixa mais alegre.

E mais um dia termina com o cheiro dos livros impregnado nas mãos. Todos já se foram. Antes de sair e se despedir do guarda noturno, é preciso olhar se as luzes estão apagadas em todos

os andares. É a função do bibliotecário mais novo.

Ele vai, como de costume, até o final das estantes e aperta o interruptor, quando então a escuridão se faz. Eis que ele ouve um barulho, mas pensa ser coisa da sua cabeça, são tantos relatos sobre bibliotecas mal-assombradas, afinal são muitas histórias reunidas num lugar só. O medo é psicológico, os personagens não saem dos livros, ou saem?

Ele desce um andar e também apaga as luzes, quando escuta um barulho no assoalho no andar superior. Algo sendo arrastado. Será a perna de pau do Capitão Gancho? Uma bengala de uma senhorinha? Um barco saindo de uma obra de literatura infantil? Agora ele começa a acreditar nessas histórias macabras que sempre ouviu. Algo está errado e não parece ser fruto da imaginação, muito menos dos livros.

Mesmo com medo, ele vai pelas escadas de volta ao andar barulhento. Não tem nem coragem de usar o elevador antigo e ficar preso. Vai, de pé ante pé, até o interruptor de luz. Acende com a rapidez de um raio e já olha ao redor para encontrar a origem do barulho. Nada. Silêncio.

Inspeciona atrás de cada estante, espia entre as prateleiras, olha pelos corredores de livros e jornais acumulados. Nada. Anda mais um pouco, olha pela janela, nada. O barulho parou. Apaga a luz e se dirige à porta. Eis que no momento de sair, o ruído se repete. Ele se arrepiou até o último fio da careca.

“Chega!” - o bibliotecário começa a falar alto com a autoridade e confiança de alguém com anos de profissão lidando com todo tipo de gente e de livro. Ele pede que apareça o intruso. Seria um ladrão? Mas o que roubaria na biblioteca além de cul-

tura? Seria até um favor levar um pouco e quem sabe distribuir, no estilo Robin Hood.

E bateu o arrependimento de não ter chamado o vigilante para subir consigo. Agora o bibliotecário está longe do interruptor, melhor não voltar lá. Na escuridão é preciso atenção redobrada para não tropeçar num conjunto de livros antigos de capa dura que mais parecem pedras, ou ainda numa pilha de revistas a ser descartada.

Mais silêncio. Em seguida um chorinho baixo é ouvido. Como se alguém tivesse se assustado com suas palavras bradadas em alta voz. Ele segue o gemido. Caminha devagar, com pegadas de pluma, e se aproxima de algo ou alguém que se derrete de emoção. Ouve um choro melancólico vindo dos livros. Mas os livros não choram. Ou choram?

Nada como os olhos se adaptarem à escuridão. Agora ele consegue vislumbrar uma pequena silhueta encolhida num canto, escondida sob uma mesa de estudos. Pedindo calma, ele volta até o fundo da sala e acende as luzes. Ao retornar e se aproximar da pequena figura nota ser uma criança de aproximadamente seis ou sete anos de idade, com olhos marejados que dão lugar a um nariz com secreção escorrida, o que demonstra a falta de uma mãe ao seu lado para acudi-lo. Nem isso afasta o adulto do infante.

O bibliotecário não teve dúvida, com o cuidado e carinho que carrega os livros, abraçou o pequeno menino perguntando seu nome. O infante resistiu inicialmente ao contato mas cedeu ao abraço e perguntou o nome do bibliotecário. Ainda tinha reticência de dar suas informações. Indagado sobre o que fazia ali na biblioteca fechada, afirmou ser sua casa nos últimos dias. Disse

entrar quando tem movimento e que ninguém o percebe se escondendo ali antes de fechar. Contou que passa as tardes olhando livros sobre animais, sempre sentado perto de algum adulto, pois assim ninguém pergunta se ele está sozinho.

A solidão da criança é visível, seu rosto encardido mostra que ninguém lhe deu atenção nem banho nos últimos dias. Como pode alguém notar uma página amassada num livro, uma lombada rasgada, um livro caído na prateleira, mas não perceber uma criança abandonada dentro de uma biblioteca?

Os livros chamam a atenção, cobram carinho e inspiram cuidado, o que se dirá então de uma criança que dorme entre eles pedindo para ser notado? De tantos lugares, a criança veio parar na biblioteca pública, ou talvez ela tenha escolhido o lugar por pensar que encontraria uma mãe melhor nas páginas dos clássicos, ou uma avó tipo a de Narizinho, quiçá um amigo com quem conversar na seção de autoajuda, talvez um irmão para brincar de aventuras entre dinossauros. Mas o pequenino só encontrou um cantinho frio embaixo de uma mesa.

O bibliotecário não sabe o que fazer com a criança. Se fosse um livro, não teria dúvidas, o colocaria de volta na prateleira, ou sobre uma mesa para ser guardado no dia seguinte. Agora uma criança que parece não ter família, não é possível "devolvê-la à estante". Embaixo da mesa então, nem pensar.

O menino não pode ficar ali passando frio, e os livros, esses só podem lhe aquecer a alma. Para o bibliotecário, que só conhecia o amor por livros e pelos livros, ter empatia pela criança foi uma surpresa.

Pensou não ser por acaso ter encontrado aquele infante no

seu local de trabalho. Qualquer um poderia tê-lo encontrado antes. Mas foi ele quem teve a sensibilidade de ouvir o choro do menino. Para um livro bastam olhos aguçados, mas para a vida é preciso ter ouvidos apurados. Agora é ele, o bibliotecário mais novo, que precisa lidar com a situação.

Não tinha opção, teria que cuidar daquela criança, dar-lhe um pouco de atenção, comida e talvez um lar. Não conseguiria encarar mais lágrimas do pequeno por ser entregue a alguém que não fosse lhe dar carinho de família. Não poderia deixá-lo na rua, tampouco na biblioteca.

Furtivamente desceu com a criança no colo, não queria ser indagado pelo guarda noturno sobre quem seria aquela criança. Se alguém perguntasse, era só a imaginação de quem fica na biblioteca à noite sendo influenciado pelos relatos mal-assombrados. Talvez aquela criança fosse apenas um personagem de algum livro de aventura, ou um drama, o drama da vida real. Porque na vida os livros não choram, mas naquela noite derramaram lágrimas de emoção.

Terça-feira

Patricia Nubia Duarte



Baixinho, nem magro, nem gordo, cabelos escuros, passava dos quarenta, com certeza. Às vezes vinha de terno e gravata; noutras, dispensava a gravata, o que o deixava com um ar um tanto desleixado, principalmente porque parecia estar sempre com as calças caindo, com gravata ou sem.

Ela, sempre bem maquiada, cuidava muito da aparência. Dona de transparentes olhos verdes e um sorriso tímido, estava sempre impecavelmente vestida. O trabalho exigia e ela também.

Diariamente, ela passava por ali para um café ou um vinho - o que dependia de seu dia de trabalho e do seu humor. Às terças-feiras, invariavelmente preferia o cálice de vinho e sempre ficava mais um pouco. Talvez porque era sempre naquele dia da semana que o via.

Era naquele lugar singular, de luz baixa, velho, com as paredes descascadas e uma poeira que parecia combinar com a iluminação daquele pequeno bar, que ela sempre o via chegando e, disfarçadamente, apreciava a maneira como cumprimentava Jair, o garçom.

- Buenas, meu caro Jair. A terça-feira merece aquela dose

extra de paciência, de trabalho e também daquele velho uísque que guardas no cantinho do balcão. Lance ao seu velho amigo aqui, por favor, duas doses sem gelo.

Riram, os dois, em cumplicidade, ao tempo que Jair o servia.

- Pois não, Doutor, seu dia deve ter sido mesmo cheio, como sói acontecer nas terças-feiras. Tome aqui seu amigo engarrafado (sim, o garçom era amante de poesia e, sempre que podia, respondia ao clientes com alguma delas ou senão algo dito por seu poeta preferido, Vinicius de Moraes, como era o caso do uísque que o Poetinha intitulara de cão engarrafado, o melhor amigo do homem).

Jair é mesmo um garçom diferente, pensava ela. Talvez o grande responsável pelo público que frequentava o bar, já que o espaço físico, com duras cadeiras e um tanto desgastado pelo tempo, não oferecia nenhum atrativo, além do atendimento afável e poético do garçom.

- Muito grato, meu querido. Pegou a garrafa afetuosamente e beijou-a com ar debochado.

Percebendo que estava sendo observado por aquela moça que estava sempre ali nas terças-feiras (sim, ele também notara a presença dela naquele específico dia da semana), olhou-a e sorriu. Ela, encabulada, recebeu o sorriso e retribuiu, piscando os olhos voluntariamente, denotando subitamente - para seu pavor - um ar apaixonado.

Jair percebeu, e como era de seu feitio, recitou em voz alta e para o ar uma poesia de sua autoria, denotando a cumplicidade que o aproximava de seus clientes mais assíduos, como era o caso daqueles dois.

Ninguém entendeu nada, mas também como todos sabiam, o bom garçom gostava de poesia e, às vezes, largava suas pérolas em alto e bom som para quem estivesse ali.

Ele, então, tomou aquelas duas doses rapidamente, colocou o copo em cima do balcão, pagou, despediu-se e saiu. Sumiu em meio aos transeuntes.

Ela acompanhou seus passos até perdê-lo de vista. Deu um suspiro, tomou seu último gole de vinho e, assim como ele, partiu, despedindo-se do amigo garçom:

- Boa noite, Jair! Não fique até tarde. Vá para casa, que deves ter mais o que fazer do que aturar clientes bêbados de fim de noite e suas teorias de todas as coisas.

- Até mais, minha querida, tenha uma boa noite. Fique tranquila! As teorias dos outros na minha prática são outras.

Ela sorriu e partiu. Morava a algumas quadras dali. No caminho de casa, pensou:

- Quem é ele? Por que queria saber dele?

Na outra terça, lá estava ela, mas para sua surpresa, ele não apareceu. E assim foi, não apareceu na próxima e na próxima e na outra. A sensação dela é de que nunca mais o veria. Mas o que a intrigava era a razão pela qual sentia falta de alguém que sequer conhecia.

Envergonhada, já na quinta terça-feira que não o via por ali, tomou coragem e perguntou ao amigo garçom:

- Tantas terças passaram, Jair, e aquele seu amigo baixinho nunca mais apareceu. Estranho para uma pessoa que parecia gostar de hábitos. Vai ver, está em ferias.

O garçom não estranhou a pergunta e respondeu amavelmen-

te:

- Verdade, querida, há muitos dias que o Dr. não aparece por aqui. Deve estar muito atarefado, é um homem dos papéis e com eles certamente está envolvido.

"Homem dos papéis", o que será que ele quis dizer com isso, pensava ela, freada pela timidez que não a deixou indagar mais nada, em que pese a face de Jair demonstrar sua disponibilidade para responder todas as suas perguntas. Afinal, ele bem sabia quem era aquele "Doutor", porém foi sucinto na resposta, instigando aquela moça nitidamente apaixonada, freada pela timidez.

Não venceu o acanhamento. Tomou seu vinho e foi-se embora incomodada com aquela ausência.

Passadas algumas semanas, eis que chega a sexta-feira e, depois de mais um dia de trabalho, ela resolveu aceitar o convite de sua amiga Rita para uma exposição de fotografias de um futuro candidato a namorado, quiçá marido. Sim, Rita, sempre olhava para um homem como um marido em potencial. A urgência da sua amiga balzaquiana, por vezes, a incomodava, mas respeitava, afinal, cada um com suas convicções.

E às 20h lá estavam as duas olhando aquelas fotografias abstratas, tiradas não sei de onde, não sei de quem, com imagens distorcidas, mas com apreciadores que pareciam entender tudo o que ali estava exposto, inclusive Rita, que fingia muito bem (no fundo, no fundo, ela não entendia nada daquilo).

Quando de repente ela avista o Dr., sim, o baixinho da terça-feira. Seus olhos brilharam.

E tamanha foi sua surpresa ao vê-la, em meio aqueles tantos

retratos expostos, que os olhos dele tremeram e foi possível perceber seu coração batendo nas têmporas.

A sempre invisível presença dela, naquele momento, tornou-se tão visível que tudo o que cercava aquela circunstância inusitada pareceu sumir. E, no ambiente, restaram somente os dois e os retratos pendurados por todos os lados. Entre um olhar e outro, por entre as imagens que preenchiam o lugar, eles não trocaram uma só palavra, mas estabeleceram naquele canal estreito de comunicação um sublime diálogo regido pelos olhos e seus olhares.

Olhares, estes, que dispensaram palavras.

A partir daí, a surpresa transformou-se em hábito. E com a zona de conforto estabelecida – ou reestabelecida -, as luzes que pareciam ter-se apagado, reacenderam. Estava tudo claro e o diálogo silencioso continuava.

Os pensamentos foram fáceis.

Ele gostou. Ela também.

Suas vontades foram longe...

E, no ambiente silencioso dos olhos, deliciaram-se com suas adoráveis presenças... visíveis... bem visíveis.

Como chegaram, saíram, sem trocar uma só palavra.

Ela terminou a noite calada, pensativa, digerindo todos aqueles sentimentos que silenciosamente, assim como a presença dele, invadiram seu pensamento.

Ele, sem muito entender o que ocorrera e por quê, afinal, não falou com ela, foi embora quieto e intrigado.

No caminho de casa, ambos pensaram em quantos dias faltavam para a próxima terça-feira.

Camafeu que se perdeu

Patti Peccin



- Sabe aquele broche lindo que herdei da vó?

- Qual, o camafeu?

- Sim, Aquele da moça de coque...

A gente só sente falta das coisas, quando precisa.

Arrumando a mala, sinto falta da saia preta, do broche de camafeu, da pinça... procuro nos armários, tiro toda roupa, arrumo um por um. Fecho a porta. Abro todas as caixinhas, latinhas, potinhos, limpo o quarto, olho embaixo da cama, na despensa no banheiro, no quarto da irmã, no quarto dos pais e o pânico invade meu coração, pois o broche herdei da minha vó.

Pensando bem eu já procurei o broche outro dia, então ele já tá sumido alguns dias. Como as outras coisas também, mas quando se procura de novo é porque realmente sumiu. Mas o broche eu preciso encontrar.

Desisto, malas prontas,acho que vou perder o ônibus. São 6 horas de viagem, para essa cidade.

Tá um frio e tanto, uma serração, ainda bem que tem calefação no ônibus, cobertor e travesseiro. Começo a estudar sobre a palestra e zzzzzzzz.

- Bom dia, senhorita, chegamos.

Um frio de congelar os dedos, uma neblina que não enxergo a cidade

- Que horas são?

- São 5h20 da manhã.

- Essa é a rua principal?

- A única asfaltada.

- Onde fica o alojamento?

- Se a senhorita for sempre reto, chegará nela, atrás da igreja.

-Podes me levar lá?

- Não posso, desculpa, são regras da empresa, mas creio que é seguro.

E, levando em conta que não há uma alma viva acordada na cidade, creio que sim.

Não há carros nem luz, andando pela rua com minha mala de rodinhas, sobretudo, gorro, luva, solidão e uma névoa que paira na frente das casas como uma cortina para além delas. Parece que são aquelas casas de madeira que desenhava quando criança: uma casinha, uma chaminé, árvores com frutos e um caminho.

Um pontinho de nada amarelo no céu e avisto uma igreja. De repente, mais perto, percebo que ela é toda com luzes coloridas. E é assim meio arredondada e ainda tem um satélite mais alto que o morro. Bom, devo estar perto do alojamento. Sim, uma casinha azul, dois de andares, com uma faixa laranja no meio. Um senhor bem idoso veio me atender. Todo curvado, o ancião me causou uma estranha sensação, ao perceber que a cor dele não era muito normal. Tipo uma laranja. Até sentia o cheiro da fruta no seu bafo. Acho que é o sono, preciso marcar um oftalmologista

urgente.

Depois daquela ducha bem quente e uma cochilada embaixo daquelas cobertas macias, aventuro-me a sair na temperatura de zero grau. Feito cebola com camadas de roupas, procuro encontrar o salão da paróquia onde ocorrerá o evento. Ainda com aquela neblina não consigo perceber a cidade de madeira. Ao abrir a porta da padaria, percebo que não sou vista e me camuflo numa mesinha perto da lareira. Eu acho que estou tendo sérios problemas de visão, quando a garçonete vem me atender. Estranho, as pontas dos dedos da moça são azuis. Acho que esqueci de tomar o remédio hoje.

O sol está aquecendo um pouco o meu corpo e agora posso ver mais um pouco das casas, lindas casinhas de madeira como as dos desenhos das crianças. Algumas azuis, outras laranja, outras azuis e laranja. As árvores parecem pé de feijão; as frutas, vermelhas, mas não são maçãs, tem formato de coração. Engraçado, tem uma mulher lá em cima que pula no varal do vizinho, rouba um vestido amarelo de bolinhas brancas e sai cantando. Ai, acho que esqueci o remédio em casa e não tomei ontem.

Em frente ao único farol da cidade de duas ruas de asfalto, avisto uma caixa roxa gigante com um buraco redondo de vidro laranja e um arco que dá entrada ao que me parece ser o congresso. Junto ao arco, encontra-se uma bicicleta encostada na parede e um grande machado amarrado a ela.

Parece vazio lá dentro.

Tem um monte de livros à venda. Começo a folhear alguns e vejo uma capa muito familiar com o título “A SABEDORIA DE MINERVA”. É o desenho do camafeu! Alguém toca meu ombro,

quase jogo o livro longe, de susto. Uma senhora loira de cachos amarelos tira o livro da minha mão.

- Bem-vinda ao congresso, sua palestra será às 17h. Fique à vontade pela cidade.

No meio dos cachos havia uma orelha de gato, mas nem deu tempo de responder, virou-se e ela sumiu na paróquia vazia. Volto a procurar o livro e não o encontro mais.

O único jeito de passar o tempo é passear e ler. Prefiro a primeira opção nessa cidade perdida, vamos ver se consigo conversar com alguém. Já na esquina, vejo sair da paróquia um moço bem azul com aquele livro na mão indo em direção à bicicleta.

- Ei espera!!!

Sem dar ouvidos, seguiu por uma das duas únicas ruas da cidade em uma direção que não havia percebido antes e, mesmo a pé, resolvo segui-lo. Havia muitas pedras e poucas casas nessa rua. Continuo com o passeio. Vejo a bicicleta azul do moço mais azul encostada no muro de pedras mais azul ainda. Entre umas frestas de pedra mais azuis que o moço azul, espio o lenhador a machadar o livro e...

-Não faça isso!

O moço azul sai, com seu machado, correndo atrás de mim. Roubo a bicicleta dele.

Que desespero! Faz muitos anos que não subo numa magrela.

Corro com um medo desgraçado e percebo que vou ficando tão azul como ele.

Pra onde eu vou? Tem algum hospital nessa cidade deserta? Nossa, quanta pedra nesse chão!

Uma delas sai pulando feito louca!

- A moça tem que ter mais cuidado – falou um senhor com pele e cara de sapo.

- Desculpa, senhor, eu não vi você no caminho. O senhor sabe onde tem um hospital por aqui?

- Hospital? O que a moça quer dizer com hospital?

Ai meu Deus! Onde estou?

- É uma casa com um monte de doentes e um médico.

-Médico? Posso levar a moça no Senhor das Guias.

- Certo.

Devo estar mesmo doente.

O senhor sapo conduziu a bicicleta e eu fui na garupa.

Chegamos a uma casa laranja com listras verticais em azul. Havia nela um senhor laranja com bico de beija-flor.

-Boa tarde, acho de estou doente, disse.

Apenas deu um piscada

- Que lugar é esse?

Piscou o outro olho.

Meu Deus, as poucas pessoas bizarras que encontrei na cidade perdida quase não falam!

Pegou minha mão. E saímos andando.

O senhor sapo lá ficou.

Andamos subimos um morro e fomos.

Andamos.

Estava cansada.

Exaurida.

Chegamos a uma pedra furada. Quando fui chegando perto, avistei minha vó.

- Bom dia, senhorita, chegamos.

- Que horas são?
- 5h40 da manhã. Acho que deixaste cair isso no chão.
Era o Camafeu na mão do motorista de ônibus.

Beatrice

Príncia Béli



Um olhar diante do espelho de quem mergulha num riacho doce. Ela colecionara atrevimentos – daqueles silenciosos. Via-se uma mulher que sabia circular dentro de si e assim sentia exalar o aromático cheiro de doce limão emanando de seus poros, sempre que se via espelhada. Com pele jumbo, cabelos descoloridos e naturalmente ondulados; nem baixa, nem alta, nem gorda, nem magra. Seu mapa astral apregroava ser uma mulher adaptável, versátil, divertida e comunicativa.

Naquela manhã, diante de seu reflexo passava batom enquanto mentalmente repetia um mantra, sem parar, como vento sul em beira-mar sacudindo as folhas das palmeiras: Eu sou Eu. Simplesmente assim. Nasci Beatrice – aquela que traz felicidade.

Então, no último retoque da maquiagem, os olhos brilham em sinal de satisfação consigo. Um leve suspiro e uma nova sensação a sobrevoa. Um estranhamento de que havia algo diferente no ar. Pronta, com tapete de ioga em mãos, desce até a praia. Eis que, naquela manhã primaveril, já sentada no chão, numa pintura

confortável, Beatrice se dá conta de que a vegetação praieira sob as areias branca mistura-se sutilmente à grama da montanha.

O estado de contemplação se instala e em três respirações profundas engole pelos poros o prana. Seu mestre ioguin havia lhe ensinado o quão mágico era beber da energia vital. Foi assim que sua iniciação em contato ativo com as forças da natureza começou.Plena, a moça reafirma o desejo de pacificar-se consigo, de criar uma nova relação de sua independência de ir e vir nos pensamentos e sentires. O mais profundo desejo de manifestar o que lhe fazia bem tornava-se arrebatador. No entanto, um prenúncio de que estava surgindo algo diferente dentro de si. Uma inquietude sob a condição de renascer para conquistar seu bem -estar. Um enunciado salta de sua mente, daquele momento meditativo, cuja energia compassiva a envolvia. Você é uma mulher **vivendo além do seu tempo**; **é assim que gosta de se sentir...** por isso gosta de escolher o que lhe faz bem diferentemente de suas ancestrais. Você é uma buscadora de felicidade... Um respiro mais profundo e curiosamente a imagem de uma anciã surge feito nuvem desenhada no ar. Minha avó! Evoca Beatrice. Seus olhos marejam em lembrança do afeto distanciado por conta do respeito ditado pela lei do silêncio. Época em que as mulheres se entreolhavam, somente. São 10h. Beatrice naturalmente começa a se arrumar pra voltar ao cotidiano. Há pessoas a esperá-la. Mas, estranhamente hoje, tem algo diferente no ar pensa... me parece mais uma onda que veio do nada... acordei tão bem, e isso agora? A sensação de tsunami em ilha paradisíaca, revirando a perfeição de uma vida livre, cheia de independência, tomava-a novamente em arrepios pelo corpo, enquanto passava a chave na

porta do apê, recém comprado. Guarda o momento experenciado. Acarinha o gato. Almoça. Troca de roupa. Dá a última checada no espelho. Desce as escadas. Um respiro lhe toma a atenção e novas nuvens de memórias sobressaem. Já na rua, enquanto se encaminha pela calçada do vilarejo, banhado pelo mar azul esverdeado, onde as baleias descansam no inverno, segue até sua sala de terapia com janelas grandes permitindo escutar o barulho das ondas quebrando na encosta. E a mente não parava. Com olhar fixo no horizonte se dá conta de estar envolvida em imagens pueris. Resquícios de algum lugar que ela já havia visitado, porém tão desconhecido quanto a sensação de raro afeto físico da sua matriarca. Que vontade de transmutar essa falta... Mulheres podem sim se apoiar, acolher e serem acolhidas umas pelas outras. Lamento tanto, vovó, não ter vivido isto. Se entregou ao dar, mas esqueceu de receber. Um som sai de sua bolsa em cima do sofá. O celular, mensagens que chegam pelo whatsapp do grupo de mulheres que se encontram na lua cheia da primavera. O pensamento voa retirando-a da janela... A transmutação que ela queria, vinha como resposta nessa proposta do mulherio se reunirem para realizarem o encontro do florescimento das relações. Beatrice se toca de todo o estranhamento matinal, bingo! Claro, hoje é sexta-feira e tem Círculo de mulheres. É isto! Helena, sua amiga de confidencias e focalizadora do encontro, confirma com um delicioso recado: “Bom dia, amadas, hoje abriremos a roda. Espero vocês com flores e frutas para formarmos a nossa mandala”. A brisa do mar entra na sala convidando os pensamentos a irem para além do movimento do mar. A revoada de sentimentos que a ocupara desde a manhã é um florescer interno. Claro... Tal

qual o equilíbrio das estações, as chuvas que trazem as cheias, a lua que influi as mares, a umidade do solo que favorece o germinar, as temperaturas diferenciadas entre alta e baixa do inverno e para a primavera que dá lugar ao clima fresco e permite limpar as folhas ressecadas e os troncos de árvores depositados na areia espalhados ao longo do tempo gelado e silencioso do inverno praieiro. Aquele terreno fofo e branquinho tão convidativo guardava intenções daquela praia tão familiar. Caracoles! Os ventos, aparentemente deselegantes, que sacudiam as folhas inertes são as sensações que mexiam o fluxo interno. O olhar de sua avó penetra Beatrice. Um desejo de quietude com tamanha clareza merece uma prece como espécie de acolhimento. Tão limpo esse entendimento como mudança de estação. Um pássaro entra na sala chamando a atenção para um novo voo. Ele entrara pela janela, dá um rodeio e encontra outro caminho para sair, quase que automaticamente, a neta, entoa: sinto muito em lamentar uma história passada e não minha, te perdoo as memórias e te amo por se apresentarem, sou grata por ter sabedoria em reconhecer este momento. Helena havia lhe ensinado o rezo havaiano para liberar memórias como processo de cura e assim honrar cada história vivida sem pesar, sem sofrimento, pois tudo é transmutável. Beatrice aprendera a fazer esse rezo desde que conhecera essas mulheres divinas e que muito trocam umas com as outras numa espécie de irmandade. Mulheres que lembram as ancestrais contadoras de história geniais tocadas pela sensibilidade produzida na costura de se fazer mulher. Em sua verdade, o jeito de ser mulher da tia polaca que mantinha todos unidos à mesa farta de pirogui e arroz vermelho. A outra, italiana, gostava de se enfeitar.

Assim, era a infância colorida de Beatrice... um mundo de possibilidades em ser a mistura de cada mulher de sua família. Mas, ela não se lembrava de ter aprendido nenhuma reza ou tradição com elas. Agora ficava tão nítida a lembrança de que amor e sofrimento faziam parte da mesma condição daquelas vidas, das escolhas daquelas mulheres com olhares, distintamente, vivos ao colocarem positividade na relação com seu homem. Aquelas mulheres olhavam o mundo e as relações com certa praticidade já que o amor romântico da novela não lhes serviam ou pelo menos estavam fora de sua realidade. O dia de Beatrice tomou um fluxo que até mesmo ela não imaginara, sua tarde se completou com o atendimento da última cliente daquela sexta-feira de mudança de estação. Ensolarada, identificou o florescer interno. Aquela mulher que havia se levantado independente compreendeu que apenas havia exercido a liberdade de olhar pra si. Honrou a sua história escolhendo o seu viver por novos fios, com outras agulhas e amarrações. Escolherá ter na vida o exercício de relações saudáveis, ao menos observava viver e não mais sobreviver às circunstâncias. A mulher bravia havia se dado conta, naquele dia, do gosto do limão doce. A alquimia dos sabores ascendeu à mulher independente integralizando suas verdades. Com o alinhar das emoções e memórias de sobrevivência transmutou passando a ser uma mulher sustentável. Ela realizara em si a própria imagem da felicidade: Beatrice!

Menção Honrosa

A firula do tempo de Franz

Claudete da Mata

Eram dois irmãos gêmeos. Dois jovens Dálmatas: Firula e Franz. Ela, a primeira a nascer, tinha fama de mandona e todos a temiam.

- Franz, venha cá! Nossos irmãos precisam de ajuda. Pode ir pegando já as argolinhas para eles. Depois sim é que iremos comer um filé de carne. Assim, bem grandão! E, se sobrar, eu te dou um pedaço, pode ser?

- Pode não! Você sempre querendo me passar a perna, né, Dona Firula? – respondeu Franz com um questionamento, rosnando para a irmã.

Franz era todo miudinho, cheio de pintas pretas espalhadas pelo corpo, do focinho até a ponta do rabo. Ele conhecia a astúcia da irmã e, por ser o mais moço, sempre atendia as suas exigências.

Essa Firula não era nada fácil! Era só encontrar uma boa oportunidade, que logo ia fazendo com que Franz a atendesse. Principalmente, quando ela o chantageava.

- Se você não fizer o que eu quero conto tudo pra mamãe sobre aquele osso que você pegou lá do açougue. Lembra, queridinho? E não esqueça que somente eu sei que o osso estava na lata do lixo. Franz, você sabe como é a mamãe, se eu abrir minha boca, ela te arranca as orelhas, o rabo e todas as unhas dos teus lindos pezinhos.

Quando pressionado, Franz até pensava em fugir de casa, só para ficar livre das ameaças da irmã. Então ele ficava por horas e horas matutando:

- Essa Firula não é fácil. Ela sempre sai ganhando. Qualquer dia desses, juro que saio de casa pra nunca mais voltar. É só me vestir de coragem. Tenho medo de sentir saudades dos carinhos da mamãe e dos outros irmãos. Mas, da Firula, nem pensar. Ela é

uma chata, não me deixa em paz!

Certo dia, apavorado e exausto de tanto trabalhar, Franz, atendendo a irmã pela derradeira vez, encheu-se de coragem e decidiu partir para um lugar bem distante.

- Ela mais parece uma raposa aproveitadora. – disse o pequeno dálmata, prevaricando, com as orelhas viradas para trás e o rabo entre as pernas, observando a irmã pelo canto dos olhos.

Finalmente, cansado de ser enganado e explorado, sem poder livrar-se das tarefas impostas por Firula, ao partir, Franz resolveu dar uma de raposa, atraindo a irmã para fora de casa.

- Assim, meus irmãos não passam pelo mesmo que estou passando. Mas, terei que uivar ferozmente, fazendo com que meus uivos virem notícia triste... Raposa uiva? Deixa pra lá, já sei! – disse Franz, sacudindo o rabo.

Dias depois, correu um boato de que ele havia morrido. Para que tudo parecesse real, Franz deitou-se no meio de uma estrada, fingindo-se de morto. Todos os bichos do lugar vieram olhar o seu corpo.

A noticia correu longe, chegando aos ouvidos de Firula que, sem fôlego, foi correndo para ver o falecido. Sem coragem, ela ficou entre uns arbustos, olhando o irmão. Mas, de repente, ela percebeu algo diferente. Era Franz respirando discretamente.

- Mas vejam, que safado! Ele não está morto coisa nenhuma. Já sei... Vou aprontar uma que o seu Franz nunca mais vai esquecer!

Dito e feito, Firula, de longe, começou a latir:

- Au, au, au... Coitado do meu irmãozinho deve estar muito doente, porque quando a vó morreu, ela espirrou um montão de vezes! O Franz não tá morto, porque se tivesse morrido estaria espirrando que nem a nossa vovó!

Franz, querendo confirmar sua morte, começou a espirrar. Espirrar, espirrar! E a bicharada saiu correndo apavorada.

- Cruz-credo! Não é que o defunto tá espirrando? – falou uma loba velha, no meio da correria, enquanto Firula saiu de trás dos arbustos às gargalhadas.

Furioso, Franz latiu alto para que todos pudessem ouvir:

- Au, au, au... Amigos! Não estou morto nãão... E você, Dona Firula, se pensa que é mais esperta que eu, tá muito enganada! Para casa, eu não volto nunca mais! Nunca mais! De agora em diante, você terá que trabalhar sozinha, viu, Dona Firula! Ou, então, arrume outro bobo para satisfazer as suas vontades. Agora aproveito para colocar em prática aquele ditado que diz, "Os incomodados que se mudem!" Portanto, eu estou me mudando! – dizendo assim, Franz, um tanto revoltado com os aprontos da irmã, nada compadecida de sua suposta morte, seguiu seu rumo, indo morar numa fazenda onde não havia outros cães.

Na nova morada, além dele, havia Cascuda - uma tartaruga soneca que, ao acordar do sono profundo, se espreguiçando, foi cumprimentada pelo novo companheiro como uma rainha.

Ainda bem que Cascuda não era mandona e nem chantagista.

- Ai, que soninho gostoso!... Quem é você que me lambe com tanto cuidado?

- Sou o Franz! E você quem é?

- Sou Cascuda, a única tartaruga da casa! Gosto de dormir muito, muito mesmo. Mais que todos os moradores deste lugar. Inclusive você! – disse a tartaruga sacudindo o rabinho, aproximando-se de Franz.

No novo lar, o pequeno dálmata ganhou vida de príncipe, com uma casa só para ele, onde passou a receber todos os mimos de seus donos, inclusive de sua amiga Cascuda e dos outros animais da fazenda. Até da astuta Fininha, uma raposa felpuda, que se rendeu aos encantos de Franz.

Dizem que juntos, Franz e Fininha construíram uma bela e duradoura amizade. Ela, apegando-se a ele, passou a vigiar todos os galinheiros, ao lado de Franz. Desde então, as galinhas puderam dormir livres dos lagartos e dos gambás da redondeza, inclusive da própria Fininha que nunca mais atacou os galinheiros.

No começo, Franz até ficou desconfiado.

- Não sei se estou certo, mas ela parece ser bondosa. Se fosse a firula, seria capaz até de me comer vivo.

Enquanto Franz matutava de um lado, a Fininha pensava do outro:

- Será que estou batendo bem das ideias? Eu, uma raposa velha, sempre a me fartar com as galinhas da redondeza, aqui ao lado de um cão pintado, aprendendo coisas com ele? Coisas que jamais passaram pela minha cabeça. Será que tudo isso está certo? Será?

E os dois foram firmando uma amizade duradoura. Até o dia em que Fininha resolveu se casar e, por exigência do marido (um raposão ciumento), foram morar longe de Franz.

Firula, ao saber do paradeiro do irmão, das suas amizades e da boa vida que ele conquistara, não gostou nem um pouquinho.

- Não é que o fedelho acabou se dando bem? Deixa estar... Um dia te pego, viu, irmãozinho?

O tempo passou rápido.

E a Firula?

Ela casou com um Pastor-Alemão capa-preta, dos grandes. Era um cão muito exigente, cheio de regras e de muitas pulgas. Até a firula era obrigada a coçar as suas costas, tendo que ajudá-lo a se catar. Ela, devido à vida cheia de compromissos, acabou esquecendo-se do Franz.

Dizem que a Firula teve muitos filhos, cada um mais estranho que o outro. Uns parecidos com ela, outros a cara e o comportamento do pai. Tinha uns com a mistura dos dois. Eram oito fêmeas e quatro machos. A Firula não encontrou outro jeito: para dar conta da nova vida, teve que deixar de ser a Firula do velho tempo de Franz.

Sobre os Autores

Bianca Juraski Camillo - Estudante do 6ºano, com muita coisa ainda para aprender. Sou uma pessoa que gosta muito da simplicidade, viver no meio dos animais, plantas, florestas... Tenho muita vontade de conhecer os lugares do Mundo. Então, cada oportunidade deve ser aproveitada com amor, carinho e respeito com nossas fauna e flora! Afinal, da natureza viemos ea ela retornaremos...

Caroline Paim Muller - Sou filha, esposa e mãe. Estudante, trabalhadora, escritora e sonhadora. Leitora desde pequena, contos de fada e finais felizes sempre me fizeram suspirar. Escrever veio da insatisfação. Eu queria continuar suspirando e algumas histórias não me permitiram, então passei a criar meus próprios suspiros. Estou suspirando há vários anos e não pretendo parar tão cedo.

Claudete Terezinha da Mata - catarinense, nascida no dia 13 de junho de 1958, em Florianópolis/SC, no bairro Capoeiras, com formação acadêmica em Pedagogia do Magistério. Foi integrante da Oficina Literária Letras no Jardim (http://letrasnojardim.blogspot.com). Desenvolveu atividade voluntária, no papel de coordenadora e ministrante da Oficina Literária Boca de Leão, com encontros quinzenais, nas dependências da Biblioteca Pública de Santa Catarina de 2012 a 2015. É contadora de histórias, voluntária, na Biblioteca Municipal de Florianópolis, Professor Barreiro Filho, de 2011 aos dias atuais. Fundadora da Academia Brasileira de Contadores de Histórias – ABCH/Matriz.

Elaine Juraski Camillo - Sou Eliane Juraski Camillo, doutora em Educação pela UFSM e docente do IFSC/Cerfead - Florianópolis. Sou alguém que acredita no poder transformador da educação e da leitura como instrumentos privilegiados na direção da autonomia, da emancipação e da humanização dos sujeitos.

Evandro Jair Duarte– Manezinho de 1978. Cresceu permeado pela leitura de textos religiosos, aproximou-se dos demais textos por meio do gibi e, posteriormente, por livros infantis, juvenis e não parou mais de ler. Bibliotecário da Biblioteca Pública de Santa Catarina. Coordenador da Oficina Literária Boca de Leão 2012-2016.

Evelyn Jeissi da Silva - Luzerna, 23 anos, estuda pedagogia, trabalha criando e pintando mandalas em vidro, tela mdf e na parede. Ama a arte, ama expressar inventar, brincar com os símbolos, cores e palavras. Desde a infância aprendeu a amar os livros.

Idê Bitencourt - (Ide Maria Bitencourt) nasceu em 25 de abril de 1950, em Jaguaruna-SC. Reside em Florianópolis. Graduada em Educação Artística–Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). É membro da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses – ACPCC. Participoucom poesia no Informativo "Trinta Réis", da Academia São José de Letras e em Varais Literários da ACPCC. Publicação no Jornal Imagem da Ilha com o Poema Luz a Ponte do Tempo. Participou de algumas antologias. Gosta de ler, escrever e recitar poesias.

Isadora Diniz dos Santos - Fui uma criança ávida para ser "grande". Embora brincasse e me divertisse bastante, minha mente vivia de fantasiar o futuro, no qual eu seria independente e poderosa! Marília, sem dúvida, é inspirada em mim, ainda que essa não tenha sido a intenção. Hoje, aos 26 anos, sinto minha criança interna ativa e forte. Ela se alimenta de conversas animadas, arte, descobertas atrais, natureza e se considera uma atriz inata. A oficina Boca de Leão foi a diversão responsável por ampliar direções e esse é seu primeiro conto publicado, depois de anos sem escrever nesse formato. Até então poesias e alguns escritos livres lhe faziam companhia, quando se dividir com o papel se mostrava o caminho.

Juciléa Santos - Natural de Florianópolis. Professora de Geografia desde 1992. Especialista em Educação Ambiental, graduada em Geografia. O primeiro contato com a literatura foi através de uma professora de Português; que durante todo o ensino fundamental acompanhou-me como incentivadora da leitura de livros e a escrita de redações. Este hábito me acompanha até os dias de hoje. Ler me aproxima do Divino.

Mara Paulina Wolff de Arruda – Natural de Lages-SC. Estudou educação artística pela UNOESC. Gosta de estudar história. É professora na Rede Estadual de Santa Catarina. Escreveu poesias publicadas em Antologia em Chapecó, contos e livros, além de artigos críticos, entre outros textos. Gosta de arte e escrita.

Clarice – Desterrense de 1962 e trabalha no serviço público federal. Nasci no Saco dos Limões, neta de fogueteiro. Sou, portanto, natural de Florianópolis, Ilhoa de pé rachado e comedora de berbigão. Meu primeiro contato com a literatura foi o clássico "João Peralta e Pé de Moleque no País das Formigas", de Menotti del Picchia, e, na sequência, Monteiro Lobato, isso nos meus 15 anos de estupidez e molecagem. A partir daí não consegui mais parar de ler. De gibis, Alice no País das Maravilhas, Tom Sawyer e outros infantojuvenis passei para a Filosofia, do interior da Caverna ao Mundo de Sofia. Minha primeira experiência de escrita literária foi o resumo para crianças do "O Senhor dos Anéis" e a peça para Boi-de-Mamão, "O Boi bebeu da Lagoa do Peri". Mas não só de Literatura vivemos. Também vivenciei experiências com artes plásticas, pinturas em tela, camisetas e afrescos. Ceramista com trabalhos em escultura e panelas. Conforme havia me pronunciado quando do ingresso nesta Boca de Leão, aprendi a Contar Mentiras e agora pretendo escrevê-las. Se alguém vai lê-las, será um próximo capítulo.

Marina Hadlich Uliano de Souza - Natural de Blumenau, mo-

radora de Florianópolis, aspirante à escritora de 30 anos de idade que saiu da infância, mas a infância nunca saiu dela. Mistura suas paixões por livros e crianças em palavras no papel e as deixa perdidas em bibliotecas.

Patrícia Nubia Duarte – Natural de Giruá, RS. Sempre incentivada por minha mãe, leitora contumaz, envolve-se com a escrita tão logo aprendeu a ler. Seus "diários" eram os livros de sua autoria. O amor pela literatura e a vontade de aprender a escrever, levaram-na à Oficina Boca de Leão de onde pretendo nunca mais sair.

Patricia Peccin Carvalho - Formada em publicidade e propaganda. Mestre em ilustração artística pelo Instituto Superior de Educação e Ciências – ISEC, 2014, Lisboa, Portugal. Trabalhou em São Paulo com produção comercial e artística no âmbito da cenografia, direção e produção de arte em audiovisual, de 1999 a 2012. Atualmente tem aliado o trabalho de ilustrações com sua carreira artística. No ano de 2016 criou o Selo Patifaria com publicações de livros feitos à mão.

Príncia Béli Teixeira - Manezinha, escritora, gestora e terapeuta sistema. Lançou o e-book, com poesias, "Jardim de Curas", 2014; publicou microcontos no livro "A Ilha da Magia em 100 palavras", 2015; e a poesia "Habitualidades", no Concurso da Editora Itacauinas, no livro "Antologia Literária-Versos Cotidianos", 2015.


FCC
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA


GOVERNO
DE SANTA
CATARINA
Secretaria de Estado de
Turismo, Cultura e Esporte